







8.630

Comprado a Carlos Ferreira Borges em 1903.

8.636

ZAMPARINEIDA.



N. 26.385

NAMPARIN EIDA

Melior Indulgentia

NAMPARIN EIDA.

ZAMPARINEIDA.

Metrica-Laudatica-Satyrica;

ou

Collecção das Obras Poéticas, pro, e contra,
feitas em Lisboa à Cantora Itali-
anna, Anna Zamparine,
e ao Padre Mano-
el de Macedo.



8630

S. D. L.

1774

MEMORANDUM

Meeting - Foundation Building

201

Continued from page 199

The first meeting was held on Monday, June 1, 1903, at 8:00 P.M. in the building of the Foundation Building.

The meeting was held in the building of the Foundation Building.

The meeting was held in the building of the Foundation Building.

1903

Lamparinada Metrica- Lauvatica-Satirica.

Ode.

Feita pelo Padre Manoel de Macedo.



Formosa Lamparinada!
 Não disse bem, Formosa não te basta
 O nome de Divina
 Não só que te compete. Pixa arrasta.
 As vaidosas belezas,
 Do teu triunfo, ao veloz larro jorras.

2
Hum gesto, hum movimento
De teus olhos gentis, quem não inflama?
Transporta o pensamento:
Que suave prazer n' alma derrama!
Com doce actividade
Rouba o vago, rouba a liberdade.

3
Do Arco Amor não sacode,
Vista mais penetrante. Atua vista,
Né hum raio que fide,
Das rebeldes vontades, na conquista
Vencer, deixar prostrados,
Os Corações, a inda que obstinados.

4
Apareces; No rosto
De cada hum, se observa diffundido,
Não sei que estranho gosto,
Tu só, tu tens o aplauso conseguido,
De sempre desejada:
Retiras-te da scena, a scena he nada.

Oh encanto! Oh ternura!
 Oh soberana voz! Não ha Sereia,
 Que encha de mais doçura
 O insaciavel animo! Recrea,
 Excita hum novo espanto:
 Não, da terra não he a quelle canto!

Quem não fica pendente
 Como absorto de tanta melodia?
 Suspira impaciente,
 Não sabe quando ha de raia o dia,
 Que ouvirte outra vez possa:
 Da saudade a asperesa nada adisfa.

Ora humilde, ora altiva,
 No semblante os affectos trasbordando:
 Que accao tao expresiva!
 Hum olhar teu severo, hum olhar brando,
 Consterna, e vivifica:
 Na branca testa os louros te duplica.

5
8
França não te glorias
Das feitorias, que contas celebradas,
Para que o orgulho enfreis,
Do Abreatico Mar nas prateadas
Margens; humas apparece,
Né Hampharine bella: murça, emudece.

9
Do caudaloso Vena
Faz fôr parar as ondas cristallinas:
O ecco da voz amena,
Batendo as azas nas azues campinas,
Tão vastas como bellas,
Gravado tem seu nome entre as estrelas.
10
E ha quem disputar queira
De teu merecimento a preheminencia?
Tus és sempre a primeira:
A fernetica Enveja, a competencia
Vão terrestes vapores,
Que não manchão do Vol os resplandores.

OP.

1.

Atas tem Plute em Hespanha fulminado
Mãos Versos, e mãos Proas,
Com afumadas mãos tem jaculado;
Vão Cantoras formosas,
Italias, Hespanicas, Francesas,
De Lampiarine ao torpe carro prexas.

2.

Com que saudades os pés asfinalados
Deixaste recta Astrea
La de Atlante nos hombros estrelados,
Com dourada cadeya,
A balança aos teus pés levaste prexa,
Outra ficou, em que a paixão só prexa.

7
3
Tem Venus impudica o Pomo de ouro,
A Minerva negado;
Nao ser as Dezas bellas de desdouro
Ter sempre Marte ao lado:
Do estranho voto, hora a raxado conceito
Foi Juiz o adúltero Mancebo.

4
Tu, que de Abril nas frescas Madrugadas,
Roxinol sonoro,
Dás a Titão as primas alvoradas;
Ves em carcere formoso,
Deliciôsas ouvidos adormentas,
Em corações exaustos te sustentas.

5.
Nao arrancou Quixote desvelado,
Entre aérios carinhos,
A Duridanna, mais vanamente curado
Contra duros Moinhos,
Que tu com o Verso, em que a alma derreteste,
Vem Oiro a Dulsinea acometeste.

5

O volúvel pseudo, abaixo, assim
Vai Syxifo rolando:

Ve os que nos ferem em má praça, e Alma,
Jove assim castigando,
A' insuportante fadiga os condemnára,
Muita licção penosa nos fôrara.

6

Nem viramos gravar entre as estrelas
A' ecco, incauto nome;

Nem attentar que o claro lume d'ellas,
Aluz balsa, consome:

Nem viramos em Pappos profanados,
Os Vasos de Oro ao Templo consagrados.

7

Mas a nossa vaidade empareçada,
Não consente que os Nomes

Rimao, desta estulticia enervada,
Da alma os nativos lumes

Auxamos reprehender nossos Mayores;
Vimos por presumpção aser peyores.

9
Soneto.

Aquella he! O Coração conhece
De seu rosto o poder: he Xanparina,
A billa, a incomparavel, a divina,
Que tanto mais se vê, mais se apetece!

Que graça nos seus olhos apparece!
Da doce voz, a consonancia fina,
Como de têm do Tejo a cristalina
Corrente! Como os ventos adormece!

Não he da preciosa pedraria
O resplendor, que ao animo arrebatã;
Os encantos não são da var. Magia:

Aquella vista, com que disbarata,
Dos venticos a placida armonia,
Esas as armas são, com que nos mata!

Voneto.

Nesses olhos gentis, formosa Actora,
Do leo as côres vemos debuchadas,
Do campo abranca flor, e as encarnadas,
Na tua linda bocca observo agora:

Dilla, com doce voz grata, e sonora
Curvimos as cadencias delicadas;
Encantando nas ondas prateadas,
Voa a mesma serêa encantadora.

O gesto, o rosto, o canto, e a voz amena,
Não chego dignamente a celebrarte,
Por ser toda a expressao curta e pequena:

U' humma penna pode retractarte,
Qual he formosa Nympha aquella penna,
Que todos tem, de não saber louvarte.

D. Miguel J. de Portugal.

Veneto.

Que doce cura, que bella melodia,
 Que olhar brando, que vista penetrante,
 Que figura gentil, e que brilhante
 Hamparino se estenta cada dia!

Des iccos a sonora melodia
 Atrebata, suspende a cada instante,
 Em que os Mirthos, e Louros tem constante
 Bem merecimento, e bixaria.

Nao manchao deste Sol a luz deirada,
 As densas cores da cruel Enveja,
 Quando de todo o Mundo he admirada;

Mas todo este aplauso inda sobeja
 Motivo, com que vendo-se exaltada,
 Mais em Trono triumphal sempre se veja.

12

Soneto.

Cantora Tramparine, Actriz mimosa,
Que de amantes paixões despertadora
Amas só por officio, em quem te adora
Empregando, os teus olhos carinhosa.

Tu deves com raras andar vaidosa;
Pois de tantos Vujeitos lus Senhora,
E há tal, que a te me diz, que nunca fera
A Deusa dos Amores mais formosa!

Hum Divina te chama, outro coqueta,
E eu creyo, que tu disto te glórias,
Fazendo a tanta gente hoje inquieta;

Porem se para amar a qui te estrias,
Quando quizer o Francez ver teu Poeta,
Crê a quem só te dá, e mais não creas.

D^o Ant^o dos Santos = Arro-Pay =

Soneto

Voa no Sacro Monte humo boina,
 Ajuntao-se os antigos Escritores,
 Mostra-lhe Apollo cheio de furores,
 A Ode de Macedo, a Tramparina

Vergilio pasma, Homero nao atina,
 Vocados de magoas, e rancores;
 Já Sanazaro Dix, votem senhores,
 Acudamos depressa atal ruina.

Varios votos se dao, ao delinquente,
 Que seja pelas nuas apupado;
 Porém nao quer Apollo nem concente:

Mandao em fim que seja tisingado;
 Que ponha cabeleira de repente;
 E da Opera a destem condemnado.

211
Silva.

Y
Ramparino gentil,
De Mayo asombro, estímulo de Abril;
De Flora enveja, pasmo de Amaltia;
Da Primavera ornato; face chea
De Venus, de Lópidos servidóres,
De mil graças portento, e mil primores.

De hum sincero Pastor,
A tua flauta escuta por favor:
Vim escuta; ouvirás, ouvirás nelle
Teus louvores cantar em voz singela;
Que também nas labanas se crearáo,
Altos engenhos, que aos Heróes louvarão;
E no papel da Fama construirão,

15
Volumen incorruptos, que inda girao.

Por tanto ó grande Mundo,
A quem daó o respeito mais profundo,
Sou Pastor tagitano, onde o meu gado,
Aparento contente, e desvelado.

Lá hum nobre Pastor me deu noticias
Do teu sublime canto, e das delicias,
Com que a todos enlejas,
As Almas, e as idéas
Roubando-lhe os sentimentos,
Nos sonóros bermões nos sostenidos.

Pedi-lhe, que me desse humna pintura
Do gesto, teu garbo, e formosura,
E tambem do teu canto,
Que tanto a Lusa corte enche de espanto.
Obedece o Pastor, edá principio,
Fazendo-me de gesto hum sacrificio.

„ Fui à Corte Niceto hum destes dias
 Meus cordeiros vender: lá com proficias,
 Hum amigo me disse, se gostava
 De ir a Ópera ver, que me levava;
 A onde passaria,
 Das Danças, do falar, da melodia,
 Da bella Nanparine, gentil Dama,
 Que occupadas as boccas tem da fama.

Fui amigo com elle; entro na casa,
 Onde só o dinheiro hi que faz varza:
 Tudo vejo primor, tudo portento,
 No sublime aparato, e luzimento.

Já da Muzica se ouve o sonorôxo;
 E logo se levanta hum primorôxo
 Pano, adonde aparece,
 Hum soberbo Theatro, que parece
 Ver todo hum leo aberto! Ali a scena
 O principio se dá, e se condemna,

17
Tudo que hi menos sério, e menos grave,
Para gosto, e mais gloria do Conclave.

Islo tudo se via;
Porém todas suspensas de alegoria,
Ninguém dava sinais, pasmados todos
Muitos gestos faziao por mil modos.

Como quem nad gostava
Do que via, mas sim do que esperava;
Islo tudo observo, e tudo vejo,
E saber a razão muito desejo:
Quando rapidamente mil palmadas,
Oiso das que a li estão, bem requintadas:
Os olhos volto à scena, e vejo nella,
De Vénus humna copia, inda mais bela;
Pois era Verafim,
No gentil parecer, na voz clarim;
Orfeo da Primavera, e mais que Orfeo,
No canoro da voz qual voz do Céo.

Isto basta que diga, e fassa idéas,
 Vem braver Amfíocles, e mais Vereas;
 Que tudo á sua vista fica pouco,
 E o contrario dizer, será ser louco,
 Pois se Ulisses se vira em tanta gloria,
 As cautellas perdura da memoria;
 E deixando a nau, a nau,
 Não passara da li; perdido então,
 Ficára a seu pezar por Hamparina,
 Toda graça das graças peregrina!

De ouvirta estou suspenso, estou pasmado,
 Como quem se nada vê accustomedo,
 Mais do que tão sómente,
 As vozes pastoris da nossa gente;
 Pastores como nós, que estando á festa,
 Fazemos entre nós a nossa festa.

Eis-aqui caro Amigo o que lá vi,
 Da bella Hamparine a quem ouvi:

Esta toda a pintura que pudiste:
 Dizeme, o que de ouvila em ti sentiste,
 Pois nemora nao ha que possa tanto,
 Que iguale a força do seu doce canto.

Confesso Amigo Alfeo, que de admirado
 De mim me vesô fôra! Estou pasmado,
 E nao sei o que diga! A alma sinto
 Hum violento rumor, hum laberinto,
 Intrincado inda mais, emais violento,
 Que este, que foi de Creta alto portento,
 Do monstro fabuloso, a quem a gente
 Derejava de ver, gostosamente.

Tal eu desse prodigio a melodia
 Dezejo de ir ouvir; e qualquer dia
 Vou á corte meu Alfeo, ouvila quero,
 Para gloria cabal, e gosto fêro,
 De quanto me enriqueces,
 De quanto me encareces,

Da gentil, e formosa Namparina
 Relevante portento, e peregrina;
 Em tudo quanto enerra o seu Sajeito,
 Da scena toda sal, e sal perfeito;
 Pois hi (assim como dizem) essa Dama,
 Como por olhos, por ouvidos se âma;
 Porém o mal a mim hi tão somente
 Sacrificio fazer-lhe reverente;
 Pois quem louco no Vól olhos emprega,
 Da razão, e da vista a hum tempo cega.

O Baxarel Nuno Joze Columbina.

Désimas.

1.^o

O
 Lamparina cantas bem;
 Não representas meu mal,
 Segues o teu natural,
 Aos mais logrando também:
 Não descansas se inda alguém
 Há por a hi que te dê,
 E já que a corte assim vê
 Figurar tantos vilões,
 Chupa-lhe embora os dobrões,
 Até que os deixes api.

2.

Perdoa, se em favor teu,
 Ou contra ti qu'inda he mais,
 A' luz dando huns versos laes,
 Tanto tôto appareceu:
 Por Damas endoudeceu
 Quasi tudo, hoje por cá,
 E como n' em huma já
 Das nosas quer tal soffrer,
 Como és de todos mulher,
 Tudo se foi para lá.

3.

Tu em finexas nao crês;
 Mas alter disto apetencia,
 Põem os olhos tem paciencia,
 No tal Macedo huma vez:
 Horrores mil, versos fex,
 Po' a fim de te agradar;
 E se lhu queres vacar,
 Enao ouvir gritaria,
 Pede á tua confraria,
 Lhe alcance bem que prigar?

4

Nestes termos, vaile embora;
Rica vais de Portugal;
Porem nunca o julgues tal,
Qual te parece elle agora:
Entre nós quem te namora,
Né sirtamente opior,
Por que em fim quanto há melhor,
De mais brio, e gravidade,
A' virtude, e honestidade
Tributa sômente amor.

Retrato do Padre Manoel de Macedo.

Moneto.

Conheces hum Varão, que anda vestido
De Padre, e uma volta mui sebenta;
Fazendo cortezias de setenta;
Nos successos da Igreja pouco lido?

Que tem o Pedagogue defendido,
Eser o Pregador melhor asenta;
Que no pulpito todo se espaventa;
E em pastoris imagens suspendido?

Que janta com João-Bus, que muitas prasfa
Delle se conta, nunca estando guêdo,
E em carza do Toscano diz as graças?

Pois como não he coiza de segredo,
Eis te digo quem he (novo te fazeas)
Este he o famosissimo Macedo.

Dizem ser de Domingos Monteiro.

Dialogo entre hum Peralta, e o seu
Criado, sobre o enterro, do chamado Pai
de Lamparina.

Désimas.

1.^o

Criado. Que leva? Punhos bordados,
Ou vai hoje roupa lèxa?

Peralt. Sem punhos quero a Camixa;
Vapatos, os escudados...

Quero poucos punteados;

De pòs, qualquer coiza basta...

Mais não quero; deixa, afasta:

Criado. Uij Senhor, que historia hi esta?

O cabelo assim não presta!

Deixa; pouco tempo gasta.

2

Peral. Nada mais vinha o vestido;

Ora vem: tudo a qui tarda!

Criad. Qual vestido? Quer a Farola?

Peral. Quero o escuro: tens ouvido?

Criad. (Hoje está enfurecido,
Sem humar couro o adôco;)

Quer este de Varagova?

Peral. Vim, vamos, anda depressa:

Não há quem comê tal cabeça

Entender hoje se passa!

3

Criad. (Fira lá, e fez mar-me!)

Mas hoje está humar bravo;)

Peral. Dize que não estou em casa,

Se alguém vier procurarme.

Criad. Perdô o eu adiantarme;

Nem a enfadar isto vai;

Quasi de nojo hoje vai;

Não vi que a idéa imagine?

Peral. He por que de Lamparine,

Faleceu o grande Pai.

4
 Criad. Por isso assim vai vestido?

Seral. Bem mastros, Vilão nasceste;
 Com que nome hum homem destes,
 Não me heide mastrear sentido?

Criad. Que escuto! Ah, que estou perdido!
 Veja senhor o que faz;
 Quer que lhe chamem Rapaz,
 Louco, Vadio, Peralta?

Seral. Orainda esta me falta!
 Também reprehendes me dás?

5
 Criad. Eu senhor não o reprehendo,
 Não forme esta conjectura;
 Porem vendo tal loucura,
 Heide dizer o que entendo:
 Não acha hum excesso horrendo,
 Nos da sua qualificação,
 Com tanta publicidade,
 Fazer de ratinos laes,
 Que até manchao de seus Pais,
 Oensino, a honra, a igualdade.

Não punga, não imagina,
 Não pôde tirar bom fructo,
 Em acompanhar no luto,
 Humma Mulher Cantarina?

Poral. De Madama Lamparina,
 Deves falar com respeito:
 Seu semblante com effeito,
 Bem merece aplausos taes;
 Nem mancha o sangue dos Pais,
 Mender-se á beleza hum pulto.

Criad. Que escuto? Oh tal não profira!
 Ninguém lhe oisa tal dizer;
 Seu tao baixo proceder,
 Por certo agora m'admira!

Poral. Ah, cuidas que he mentira,
 A vista dessa Deidade,
 Velhos, e os da minha idade,
 Portuguezes, e Estrangeiros,
 Fazem destas daos oinhiros
 Por obter sua amizade.

Tanto não he' culpa grave,
 O que me imputas por erro,
 Que de tal laxaez do entelho
 Leva hum Fidalgo a charre:
 Criaç. E que intenta, que lhe gave,
 Desse sojito alolice?
 Creia, no que ja lhe disse;
 Trate de postar-se serio,
 Que requir tal vituporio,
 He confirmar a tollice.

9
 Geral. Ora es muito confiado,
 Em me querer reprehender:
 Tão; o que eu quero fazer,
 Não perçixa aconselhado.

Criaç. Eu senhor, ja estou calado;
 Cumpro e o asua vontade,
 Talvez veja, que he' verdade,
 O que lhe digo algum dia!
 (Oh natureza vadia,
 Oh fogueira moccidada!)

Dialogo entre dois Vizinhos; sobre o Entem do Pai
de Lamparine.

Soneto.

1.ª Vez. Que funcaõ verã esta no Loreto,
Que vi lá muita Vege, muita gente,
Cos Vinos a dobrarem rijamente;
O Morto hi ricco, a grande animalito!

2.ª Vez. Morreu de Lamparine o Pai dilecto:
(Disse mal) da Divina, da excelente,
Que assim lhe foi chamado de cutamente,
Numa Doe feita em pssimo dialecto.

1.ª Vez. Para isto se abalou toda a Lisboa?

2.ª Vez. Pois que, você nao sabe, que hoje em dia,
Vo Lamparine, e Lamparine sea!

Ajuntou-se da Filha a Confraria,
Fidalgos, Deputados, gente boa;
E como Provedor, Galli assistia.

Soneto

Nosso amigo Galli he bom sujeito,
 He cheio de piedade, e de ternura,
 Aquelle grande Pai deu sepultura;
 E a Filha deu a laxa, e dava o Leito

Alla, que á vez do ao teve respeito,
 Portestava hir viver n'uma clauzura,
 Mas ou foi fingimento, ou foi loucura,
 Não deixa o Mundo quem lhe toma o geito.

Fingioso a Moca desgraçada ao vivo,
 Co'fim deste quimerico transporte,
 Foi pagar a despesa o compasivo:

Para os tollos valeu o passaporte,
 O Pai lhe acompanharad putativo,
 E a te ao seu Galego inia a Corte.

A Lamparina, estando muito adornada.

Voneto.

Não, tu não necessitas de infiltrar-te,
Para nos agradar, para venceres;
Basta que te oicias, basta appareceres,
Que a natureza deu-te mais q' a arte:

Com hum teu gesto brando, levantar-te
Vobre as estrelas podes, se quizeres;
Podes a teu arbitrio submeteres
O tenro Adonis, o robusto Marte.

Da tua gentilissima figura,
A suave attracção, quem fugiria?
Chia de encantos, chia de ternura!

Com liberdade quem resistiria
De teus olhos à raza formosura?
Da tua voz à doce melodia.

P. Manoel de Mello.

Voneto.

Dizer que h' mui formosa esta cantora,
 Que á muito entre nos h' celebrada,
 H' só querer mostrar a mal fundada
 Paixao, que nos motiva o que h' de fora:

No tablado cantando, lá melhora
 Com meiguices a cara beuntada;
 Mas tirem-ne da li, não vale nada,
 Sem máo gosto, quem d'ella se namora:

Representa mui bem, com graça canta;
 H' boa a voz; porem não h' pasmosa;
 Sem-se ouvido entre nós mil'her garganta:

Digao que canta bem, que h' curiosa,
 Chamem-lhe em fim. Partenope, que encanta,
 Mas não a aclamem Venus por formosa.

Pergao, que Lamparina fas de sy.

Desima

Como a Lisboa achui graça,
Quero de Lisboa ir ricca
E por ver se alguém se pica,
Penho quanto valho em praça:
Quem dá mais por ver se casca,
O meu desonesto trato!..
Dou-lhe humo de barato;..
Dou-lhe duas, quem s'inclina?
Dou-lhe humo mais pequino;
Nim-guem dá mais, arremato.

Requiem

Cláusula da Armatação?

Décima

Saibao todos quantos virem,
 Este publico instrumento
 De contracto, que eu intento
 Fazer, aos que me servirem;
 Que para se divertirem,
 Me obrigo des-de Janeiro,
 A dar por hum anno inteiro,
 O lá de graça ao Diabo;
 E o que fica' ao pé do rabo,
 A quem me der mais dinheiro.

Embargos, por parte de hum Milord In-
glex.

Désimas.

1.
Por embargos de terceiro,
Venhor, e prosuidor;
Contra a Ré, o Author Milord
Diz, e provará primeiro:
Que por muito bom dinheiro,
A Conerzia, que em vao?
Rematára de antemao,
A Ré lha vendora nua;
E que assim por nao ver sua,
Foi nulla a Rematacao?

Provará, que o Author se pôsse,
 Da tal Cônexia, estava;
 Por sinal, q' inda-hoje andava
 De bem a servir, com tõe:
 E a Rê vem que raxad fôsse,
 Nullamente, e sem respeito,
 Privou o Author com effeito
 Desta pêsse, a que hê devido
 Ver logo restituído,
 Conforme a todo o Direito.

Provará, sem êmo haver,
 Que a Cônexia, que estraga,
 Inda nao se achava vãga,
 Para assim ella a provar:
 Nem por ella havia ser
 Da Cônexia em verdade,
 Posta em praxa a propriedade;
 E fôz estando provida,
 Vê por ver de outro servida,
 Com notória nullidade.

4

Provará, que esse instrumento
 De Contracto, he tambem nullo,
 Pois nelle da ella o Culo
 Do Diemo ao merecimento;
 Quando do tal cu o intento
 Já dado o tinha ao Diabo;
 Por isso com menos-cabo,
 Trae tanto ardor n'isso velho,
 Que sendo ao pi do besbelho,
 Andar e ofogo no rabo.

5.

Provará, que o decurrido
 Neste termo preempatorio,
 A todos he bem notorio,
 E de todos bem sabido.
 He fama, em todo o sentido,
 Publica, firma, e macissa,
 Não vaga, vana, nem omisla,
 Por isso, com fundamento
 Pede em seu Recibimento
 Cumprimento de Justica.

1

Hum Poeta desconhecido,
 Vem ter de ti dependencia,
 Por descargo de consciencia;
 Vem tomar o teu partido:
 Com razao aborrecido.

De hums Versos impertinentes,
 Com que linguas maltoizentes,
 Ve querem meter no Inferno,
 Vae hum Quixote moderno,
 Deragrando innocentes.

2

Nao vem de paixão amante
 A deſeza, que vereis,
 Juro-o pelas sanctas Leis
 Da Cavallaria, andante:
 Omey coracao constante
 Trás á muito outras caſas;
 Longe oh impuras ideas
 De adorar amais alguém;
 Nunca hum Quixote de bem,
 Amou duas Dulcineas.

3

Mas inda que eu fosse tal,
 Que amor te podesse ter,
 Que vulto havia fazer,
 Hum Amante sem real?
 Verias ir o Natal
 De Peris e, como Dantes;
 Ais, suspiros, incesfantes,
 Sao sao muito boa peça
 Para quem traz a cabeça
 Abafada de brilhantes.

4

Tenho em fim justificado,
 A minha pura teneção,
 E he chegada a occasião
 De desembrainhar a Espada:
 O objeto da cutilada,
 Vão hums taes Venos sem graça,
 Onde por tua desgraça,
 E com publico desdouro,
 Teu precioso thesouro,
 Foi arrematado em praça.

41
5.
Tão poucos Senhora são.
Os motivos de querer-te,
Que se quizeses vender-te
Fosse perigo hum leilão?
Casta Dianna, onde estás,
As armazoes retrocidas,
Castigo das prohibidas
Vistas, de Acteons traidores?
Já não há laens vingadores,
Das Donzellas offendidas?

6.
Mas onde me arrebattei,
Que como quem não faz nada,
Mesmo de Mumiao, e Espada
Pello Tamarão atrepei!
Grasfa Scizia amotei:
Que ninguém estranhar pode,
Qu'hum Quixote quando accê
Pella oprimida innocencia,
Ve se fala de eloquencia,
Flacc ser em fraze de Cee.

7

E tornando ao comecado
 Caze, que adormiriu a gente,
 Veja pois o delinquente
 Ante mim apresentado:
 Ver-the-ha juramento dando
 Sobre as cruses desta Espada,
 De nunca mais, e'o a damnada
 Lingoa., que honras atropela,
 Manchar a triste Donzela;
 Pena, do the ser cortada.

8

Mas inda a qui nao parou,
 Andou para traz dois furos,
 Ento penetraes escuras,
 Confiada mente entrou:
 Finas cambrayas alçou,
 Descobrio teu branco rabo,
 Fez vistoria, e no cabo,
 Lansa a Sentença impudente,
 De ver entregue o innocente,
 Entre as garras do Diabo.

9
 Eu não sei os meyes pór
 De vingar injuria tal,
 Confesso, que em caso igual,
 Nunca fui Mantenedor;
 Traz nosso Mestre Doutor
 Dom Quixote, mil loucuras;
 Traz gigantes cas figuras,
 Que lhe dão fama, e gloria;
 Mas não em toda a historia,
 Vemulhantes Aventuras.

10
 Porém se deve a Ventença
 Ser com o crime porpocao,
 Vá dar a satisfacao
 No proprio lugar da offensa:
 Chegue do lú. a porança;
 (Coiza que eu, ^{the} não invejo)
 Mostre vincero desejo,
 De ver delle perdoado,
 E fique o crime espiado
 A força de muito beijo.

Vitio, que amodestia veda,
 Vitio de honor, e de injuria,
 D'onde a esfaumada luxuria
 As ávidas mãos arreida:

Dispensa se me conceda,
 De asfistir a tal disputa;
 Do vencido a paz acuta;
 Que eu cá verrei retirado,
 Por que inda que andas lavado,
 Sempre hês lugar de respeito.

12
 E tu, em quanto gloriôso,
 De quantos te tem ouvido,
 Digni até de ser nascido
 Nas lemites Del-toboso:
 No meu braço valeroso,
 Bem podes seguro estar
 E assim, de me retirar
 Licença me dá Venh'ora,
 Por que vem chegando a hora,
 De eu ir as armas velar.

Nicolau Totentino.

Esta peça em legião variou
 e foi impressa a pag. 1.ª e 2.ª
 do 1.º tomo das Obras completas de 1861.
 e foi solta de 11.ª e 12.ª
 de 1861. (castro. tomo).
 e foi solta de 11.ª e 12.ª
 de 1861. (castro. tomo).
 e foi solta de 11.ª e 12.ª
 de 1861. (castro. tomo).

O Pergão de Lamparina.

Désima.

Num Patife de mão posta,
 Anjo de maior frioleira;
 Filho de vil Negativa
 Que vende - sem sal de posta -
 Bruto que tanto disgesta,
 A quem o juizo s'inclina:
 He (confor-me se examina,
 Muito bem no xumo seu,)
 Esse Harve que escreveu
 O Pergão de Lamparina.

Ao Padre M^{de} Macedo pregando de S^{ta} Maria
Magdalena.
Monito.

Num Templo entrava, hum camponiz calcio,
Onde estava o Macedo ja pregando,
Da Magdalena ao vizo rebractando,
O lolo de Mabaestro, as tranças de ouro!

Sembrou-lhe o Rustico o cabelo loiro
De humma Moça, que andava namorando;
Mas eis que o pregador a pirostrozando,
Nos rochedos saltava a vos do estouro.

O Labrego, Doutrina san dezeja;
Mas nada entende, e vê que para o cabo,
Os trejeitos vão mais, mais se estraveja.

De aturar este coizo não acaba
(Disse.) Ira! Faz comédias cá na Igreja!
Isto não vem de Deus vem do Diabo.

Moneto.

Oh Santa Birta! Oh Bemaventurada
Vida, de quem nao reza, nem sabreza!
Costas a passao de trabalhos cheia;
Ah, pobres tollos, que nao sabem nada!

Tras Macedo a pernice penteada
Bom calcao, bom sapato, e boa meya,
Aqui tem o jantar, ali a ceia;
Oh Santa Birta; oh vida regalada!

Ninguem o tempo passa mais jocundo;
Vive de fabricar o seu enredo,
Aonde acha tolan ali da' funco;

Mas ja que estamos so's dire em segredo,
Em que dia, em que Mes viste ao Mundo
Em que constelacao, oize Macedo?

Vonito.

Mercea Lampanine altos louvores,
 Pelo suave canto, e voz que prende;
 Mas não chuveiros de ouro, que pertende,
 De estáo cá figuras muito melhores.

Todos d'ella pertencem ter favores;
 Porém illa ao que he rico, he só que atende,
 E suposto a fazienda cara vende,
 Vêo a porá nas mãos dos Mercadores.

Não ha Negociante, ou Cavalheiro,
 Que com ella contractos ter não queira,
 Inco que seja a pezo de cinheiro.

Portuguezes deixai esta Estrangeira;
 Pois ella vos porá no Estaleiro,
 Chorando sem remédio a vossa asneira.

Dialogo entre Pai, e Filho; sobre o merecim^{to} de Lpr.
Venilo.

Pai. Tu que giras a Roda dos Venhores,
Ouviste a Lamparina já cantar?

Filh. Vim Venhor; chega a fama hoje a lhe dar
Do seu canto os mais optimos louvores.

Pai. Essa Mulher de dotes superiores,
Como oiso aqui dizer tão singular?
Entendo não devia lá prestar;
Por isso veio aqui por Corretores.

Filh. Hum Doutor lhe chamou já Divindade
He' formosa meu Pai, discreta; he boa,
Não sabe d'aquella alma a heroicidade:

Pai. Porem, tudo isso amim, cá, me não lóa:
Sabes tu no que lhe acho habelidade?
He de lograr os tolos de Lisboa.

Soneto



Meu amigo, isto vai de fôr em fôr;
 Quem não for Lamparina não he gente,
 Não há na corte hum animal vivente,
 Que Devina não gasta esta venhora

Por não ser cá da Terra tal cantôra,
 Grande parte da corte brava demente;
 E há tal, que em á vistando se não sente,
 Ainda que o metessem n'uma Noira:

Mas há hum tal Fidalgo hum tal vajeito,
 Que tomou só por cauxa, emão commua,
 Dar-lhe o louvor a torto, e a direito;

Nesta ignorancia o Asneirão acua,
 E como não conhece o seu defeito,
 Chovendo nelle vai como na Rua.

Falla hum Ingles com a corte de Lisboa no seg^{to}

Voneto.

Essa que tens Lisboa, sublimada,
Com obsequios mil engrandecida,
He Lamparine, ja bem conhecida,
Em Ave de Rapina transformada.

Da minha corte ja foi destruida;
Mas nao de cabedais destituída,
Por que a muitas fazendas deu sahida,
Ao mesmo tempo em que lhe dava entrada.

Oh Lisboa acautela-te, e adverte,
Lessa esfinge cruel, com vil insania,
O proprio sangue teu ha de beber-te:

Antes que o sintas, manda a da Maurilania,
Venao queras por Lamparine verte,
Qual se vio por Elena outra Dardania

Soneto.

Libra, que é das Cortes a Princesa,
 Tão oppositos produzis os effectos.

Nomens chejos de asneiras, e defeitos;
 Damas chugas de Arrijo, e gentileza.

Elas batendo as aças da beleza
 Se constituem Idolos aos respeito,
 Elles batendo a orelha estão sajeitos,
 A seguir as paixões, que ovulgo priza.

Damas gentis a vossa formosura,
 Que nunca se vendeu ao vil soborno
 Antepõem á farsante vil, e impura.

Vossa modestia sirva-vos de adorno,
 E se algum requestar vossa luz pura,
 Em lugar de favores dai-lhe hum Corno.

Dialogo, entre Hamparime, Maceo, e o Poeta no seg^{to}
 Soneto.

Maceo = Trus, trus; Lampy = Quem bate ali? Maceo = Abra sn^{ra},
 Sem medo, sem receyo, e sem cautella;
 He' Maceo, que estado tem por vella,
 Debaixo da janella á mais de hua hora.

Lampy = Jesus senhor Doutor! Sem mais demora
 A porta abrirei ja: - Maceo = Pois como a estrella
 Vigiar sempre intento desfa luz bella,
 Parar nao posso assim, sem tal cantora.

Lampy = Nao posso tal ouvir: - Maceo = Pois tanto afina,
 Etas passages faz, que na verdade,
 Tal voz nao he' terreste, he' sim divina!

Poet. = Isto agora he' mentir na realidade;
 Grou tanto enches o cu á Hamparime,
 Beija-a nulle por toda a eternidade.

Dialogo, entre Fileno, e Dorindo, no seguinte

Vonito.

Filen. Vabes amigo meu, que Dama he esta,
Que á pouco a qui chegou vinda do Norte?

Dorin. He Lamparine, que só vem á corte
A dar nos Peraltas geral crista.

Filen. Conheço muito bem; da tal se atista
Que aos Milords de lá' deu hum bom corte.

Dorin. Vais muito cedo espero dessa corte,
Portos Vojeitos ver a quem faz festa.

Filen. Fugi, fugi mortaes dessa serpente,
Que o veneno nocivo occulto enserra;
Dirás cáro Dorindo a toda a gente:

Que se acazo mudar de sitio ou terra,
Tambem publicarei impaciente
Que Lamparine he Peste, Fome, e Guerra.

Veneto.

O
 Lamparina cantora, que do Norte,
 Co's olhos dar vieste a Portugal,
 Viciente por teu bem, e por seu mal,
 He que o Jaco te trouxe a esta corte.

Aos Milords de lá deste hum bom corte
 Vens muito ufano: cá, dar outro igual;
 Depois de hum Terremoto tao fatal
 Não faltava issta peste que he mais forte.

Das Contractos te vejo pesquisora,
 Do Vabao, do Tabaco, e da Balaya:
 No tanto sim parices ser Venhora.

Vai pois crestando aos Tellos a Colmeia;
 Egotalhe os doctros, e indo-te embora,
 Ficar os deixa sem jantar, nem aya.

Vonito.

Esta que vez andar toda infectada,
Com pedras a luir grande toucado,
Tem Loge aberta, e oá hum bom mercado,
De fazenda no Norte, já entrava.

U acaso desta droga muito uzada,
Nao tens amigo meu inco comprado,
Nao compres, nao, que a muitos enganado
Eu sei que tem; e sei q' é avariada.

Aqui na Corte há mais fazendas bellas,
Melhor que Lamparina em cor, e em dura,
Deixa a droga da moda uza daquellas.

Toma o meu parecer, fôge á loucura;
Que quem gostao tem laes bagatellas
Receitas purga, e Medicos atura.

Yoneto.

Medicos, Boticarios, Virurgioes,
 Ganharão cabedal a teu respeito,
 Para elles será todo o proveito,
 E te farão ati, mil attencoes.

Haverá Lamparina occaziones,
 Que atua xibantice cause effeito:
 Nas molestias occultas e do peito,
 Por seres tu a causa das paixoes.

Se mais, que o cabedal, que tem Viúcia,
 Fosse o de cada hum dos teus Amantes,
 Muito mais te darião por facecia:

Chupa, e deixa sem sangue a tua tratantes
 Que como tem o juizo em fazer secia,
 Sempre na asneira os hás de ter constantes.

Veneto.

Hum Quimico infernal, Fregas malvitas
 Ajuntou n'um Lambique sem demora;
 Fumo, Veneno, Vibora traizora,
 Cartas da mão de Machiavel escriptas:

A fogo lento, a pragas infinitas,
 Destilou tudo em pouco mais de hum' hora;
 Pelo gargalo do Lambique fôra,
 Vahirao par a par dois Jesuítas!

A mostrou a sua obra ao Reino escuro...
 Tomou a destilar muito em segredo;
 Sahio hum Manigrijo inda mais puro!

O Dêmo que o formou lhe teve medo;
 Despejou o Lambique n'um monturo,
 E da bôrra sahio o grão Macado

Antonio Lobo de Carvalho.

Reposta ao Inútil, pelos mesmos Consoantes, seg^{ta}

Vonito.

Vatirco infernal; horas malolitas
Vivas tu para Deos, que sem demora
O puto te atravesse maõ traiçõra;
Morte, e condemnacão vejas escritas!

Do negro Inferno a penas infinitas,
Te leve o Diabo em menos de hua hora:
Do Mundo vayas desterrado fora,
Pois és peste pior, que as Jequilas.

Foste Quimico maõ, infame, escuro;
Pois por mais que estilaste, o teu segredo
Sempre sahio o Manigreiro puro:

Cala a bôcca; cuídas que tenho mudo?
Vai beber (já me entencões) n'um monturo
Bôrra, que para ti caga Macedo.

Venêlo.

Vaião todos que vós relevantes
Se ostentão n'essa Nympha apulicida;
A côr da bocca á rosa parecida,
O rosto alegre, os olhos singelantes.

Vibre o côlo de neve, palpitantes
Dois glôbos de candura estremecida;
Se para adulação da fragil vida,
Para espera de Amor, ao dos Amantes.

Tudo n'ella he maquiagem; he mimo tudo
Quanto entôa, a famosa Cantarina;
Com que deixa qualquer suspenço, emudo:

Tôra a meu vêr melhor mais peregrina,
Ve á porporção do aspecto, cengenho agudo,
Viresse mais Amor, menos rapina.

Silbo.

Soneto.

Macedo, he tempo de mudar de officio;
 Tu, que és hum Prigador, grance, e excellente
 A lista inclina, escuta reverente
 Que eu tambem de prigador tomo exercicio.

Tu prigas de continuo contra o vicio,
 Doutrina Santa em frase irreverente;
 No Theatro és a fabula da gente;
 Oportio á Religiao a nós supplicio.

Com fe quem te ha de ouvir, disse já gora,
 O Deus de Abraham; Oh! Nume sempre eterno! *
 Ve Devina aclamaste a vil cantora:

Uó' podes ir prigar ao escuro Avérno,
 Que essa maliciosa voz impia, e traicora,
 Não he clarim do ceo, he voz do Inferno.

* Exclamação ferquente nos seus Vermões.

Carta de pesames, escripta em nome de hu
Menino Orfão, do collegio de Jesus, à Se-
nhora Lampiarine, por occasião da morte
de seu apulido Pai; em

Romanse.

Ve eu Senhora Lampiarine
La caibo, tambem quizera,
Que chegasse aos seus duvidas,
O Uoô da minha pena.

Não fallo da com que escrevo,
Fallo somente daquella,
Que imprime no coração
Humas negregadas letras.

Morreu o Senhor seu Pai;
 Oh, que desgraça! Oh, que perda!
 Para hũa filha, que sempre
 Amou as conveniências.

Morreu, o que deu ao Mundo
 Da filha, pellas goelas,
 Quantos brados para a fama,
 Santos pratos para a ca.

Lá vai o esto d'a cara,
 O Mordomo da Minestra,
 Ena sangria das bolsas,
 O apontador das lancetas.

Lá vai o Vogro de todos,
 Que, em continua decadencia,
 Generos em todas as linguas,
 Dar podia á Europa inteira.

Eu refiro estas virtudes,
 Vimente por que se veja,
 Que a mágoa se justifica,
 Nas rasos da choradeira.

Aquite Vossa mercê
 Oque eu sinto, na sorteza,
 Que a não ver isto, não há
 Coiza, que á seitar me venha.

A mais fiel Companhia,
 Lhe faço nesta tragedia,
 E com esta pago a que,
 Lhe não faço na Assemblia.

Desamo dos seus disgestos,
 E hi só em minha consciencia
 Oque de vossa Mercê,
 Com bem o diga me peza.

Mas por que não hi razao
 Que o pranto entrague a belesa,
 E que os voluces soffoquem
 No leo das breca, as cadencias.

Per-lhe que se resigna,
 Moderação, paciencia,
 Sois mortais, inda que
 Vossa Mercê o não crea.

65
Todes havemos morrer;
Cato eu; mas com differença,
Que por vossa morte não,
Por que fujo de posternas.

Resista a tanta desgraça
Fassa hum bom esforço, erija.
Ve a qui em Ar de Melchor,
Encontra alguma alma Inglesa.

Que lhe dê para conforto,
Em sinal de fortaleza,
Hum coracao de diamante,
Que talvez' he o que lhe resta.

E diga ao pobre coitado
Quando o colher na esparrela;
Lá sua mágoa só resiste
Essa coracao de pedra.

Quanto mais, que na verdade
Toda esta Corte recusa,
Que opranto, lucro cessante,
E sanno emergente veja.

Não mórre de dor Menina
Concider, cuide, veja
Quantas vidas estragadas,
Tem da sua dependência.

Lembro-se da antipatia
Que tem no meço das Vencas
Humna lanternina alegre,
E humna triste carruceira.

Repare, mas bem esabe,
Por que há dias o experimenta,
Que aliberdade em que ficca,
She cara as dôres d'aurensia.

Todas estas raseas podem
Fazer com muita ertesa,
Que as bexigas dos seus olhos,
Chuguem ja a estar na secca.

E eu me esplico fazer devern,
Que depois desta tormenta,
Apareca sobre o Theatro
Brilhante, o arco da velha.

Não diga a Vossa Mercê,
Que do seu bom Pai se esqueça;
Lembre-se sim da alma d'elle,
E da sua se não lembra.

Vá para o Theatro, cante,
Encante as grandes Orelhas
Dos que nesse Mar se engolfao,
Vem saberem que há Veréas.

Assim mesmo de caminhar,
Com devocão muito inteira,
Vá-lhe applicando por alma,
Meyra dusia de Burletas.

Mal sabe, mal quanto val,
La no Theatro das Trévas,
Embrulhado em chularia,
Pato ao Gravo, hum-Regui-esca=

Apelique-lhe estes Resposos;
Cá, e lá tudo aproveita,
Faza de=Buena figliola=
Que isto também he Comédia.

Do Principal Botelho.

Soneto.

Peralvilhos infames, que esquecidas
Do dever de Christãos, injurias-tes
Nos libelos servis, que fabricastes;
Os caprichos á honra mais devidos.

Que, pretendes? Acaso se entendidos
O nome por tal meyo procurastes?
Ah não, que nesses trovões só lucrastes,
A merecida nota de atrevidos.

Que graça, que conceito, ou pensamento,
Nas redículas trovões se descobre,
Para ao mimos corar o verso intento?

De Maroto não pásfa: e esse o mais pobre
Quem ostenta tao vil procedimento,
Dizer mal nunca coube em peito nóbre.

Vonitos

Emudecã Poetas atrevidos,
 Que a bella Lamparina perfanais,
 Por que voz, se o decoro ~~lhe~~ manchaes
 He só por que nao sois bella admettidos.

De ser como vosco austera, se offendidos
 Por abatida, ideias levantais;
 Ver como facis vois, como culpais
 Tudo nulla defeitos reputais.

Que a corte asus pis toda a joelhada,
 A tenra mao ~~lhe~~ beije, que apaudada
 Por insigne vo' seja vilebrada:

Que do lauro metal enriquecida
 Vinja a fronte, de joyas adornada;
 He isto acaso ser mal porcedida?

Justica exposta vobre o merecimento dos
Objetos declarados nas seguintes

Désimas.

1
No cantar, ver suspenção,
A Xampanine, isto sim;
Mas que seja hum Verafim
Na fermesura; isto não.
Por Divina elevação,
Irreverente, e sem medo,
Atire o Padre Macaco,
Na Cre que nos consume;
Que por dizer com seu nome
Veyo Mã e veyo Edo.

2.

Poetas, pois que do choco
 Tiraes tais Versos a fio,
 Tão bons como o bom feitiço,
 Do catinga Manoel côco:
 Ve desfe vosso descôco,
 Quereis conhecer as sóbras;
 Do cu por fétidas dobras,
 Lamparinheiros basbaques,
 Apêllo vos dá dois traques,
 Por prêmio das vossas obras.

As seguintes Disimas são feitas ao P.
Macedo, por occaziao da Ode que vai no prin-
cipio desta Collecção.

1

Meu Peralta a Lamparina
 Si fragôna estrangeira,
 Tão forte, como a cegueira,
 Com que lhe chamas Divina:
 Não hi mais que Cantarina,
 Que sabe com arteficio,
 Da voz, esconder o vicio,
 Na graciosã execucao,
 E que tem opiniao,
 De Mestre no seu officio.

2

Dize em fim, que canta bem;
 Que mereces otu' louvor;
 Mas que não há quem mulher
 Ofensa; duvida tem:
 Alma, que não me convem
 Declarar; sei eu que afina,
 Mais doce avoz; que he' Menina,
 Que outra tão gentil não vi,
 Enão ouve inda' atké qui
 Quem lhe chamasse Divina;

3

Mas que asfombra as formosuras;
 Que almas rouba, animos prende:
 Não a louva, antes offende
 Quem a põem em tais alturas:
 Que, encanta com as ternuras
 Do seu doce agrado bello,
 He' falso não seio creto;
 Antes com ruzado se vê
 Lá he' assim, assim; mas não he'
 Lá coisa do Sete-estrello.

4

Mu Piratta, se te prisa.
De Douro; emzamparinado
Nao estijas; q'is notado
De mau gesto, entre as belas:
De Lamparina as riquezas
Loura, se queres louvar;
Mas nao queras exaltar
Tanto o seu merecimento,
Que em Cés de novo invento,
Tervenha o Mundo a pupar.

75
Ao Retrato do Lamparina em Rifa.

Désima.

Quem Moína ter deseja;
Neste agradável composto,
Sem Moína, e no seu rosto
Não tem que emendar a enveja:
Quem passar; suspirar, e veja
O seu rosto ao natural,
Sem vinte o seu cabedal,
Para hum só ficar servido,
Que até nisto he parecido
Com o seu Original.

Veio as Désimas antecedentes vai a seg^{ta}

Désima.

Eu não disputo a bondade
 Dos Versos, contra o Macedo,
 Digo, que nelle (em negredo)
 Resenta a mordacidade.
 Hum Sacerdote não hade
 Escrever, como elle escreve:
 Aquelle, que se lhe atreve,
 Bem sei que he muito mordas;
 Ve elle não deve o que faz,
 Fassa o Macedo o que deve.

D^o José Antonio Carneiro.

Aos que escrevem contra Lamparina, e Macedo.

Desima.

Contra a bella Lamparina,
 E contra os seus lisongeiros
 Avancárao os Rafeiros,
 Que bebem da Cabalina:
 Por lhe chamarem Divina
 Estão os Joxos escumando;
 Mas ella vòmente olhando,
 Para a illustre pompa sua,
 Segue os exemplos da Lua,
 Quando os cães lhe estão ladrando.

D^o Manoel José Charem.

Ào merecimento de Lamparine,

Désimas.

1
 Foco emua dezyo amante
 Fugio bella Lamparine,
 Quando vi que era o = Quatrine =
 O teu proprio conceitante:
 Ao teu preço exorbitante
 Ve fecha qualquer mialheiro,
 Por ver estilo estrangeiro,
 Entre a portuguesa gente;
 Pois cá no asougue somente
 Ve da carne por dinheiro.

Ve a tal Lamparina unirse
 Ao canto, rara beleza,
 Não faria q' a avareza,
 Com ella se reprimisse:
 Porém foise a mentisise;
 Aficção não arrebatada;
 Está por batida amata,
 Redusida a laes destrocas,
 Que se quer gastar as cises,
 Ponha a carne mais barata.

3.

Faz mal em se pôr de venda
 Com hua tacha tao alta;
 Por que não pôde o Baralta
 Comprar fructa nussa Tenda:
 O Fidalgo, o que tem venda,
 Com ella não quer gastar;
 Pois vê que se pôde achar
 Numas quatro maroleiras,
 Tendo cá oissas asneiras,
 Mais baratas a fartar.

4
Canta bem, será lonto,
Quem a quizer igualar?
Mas quem hade lá chegar,
Se ella porem tão alto o ponto?
E se algum ha (seu nao a ponto,
Mas, cá o viu observando)
Com ella for entoando,
Vem precaver a ispanila,
De pois se cantar com ella,
Ha de ficar só chorando.

Ao mesmo Objecto , vai a seguinte

Desima.

Fui por não julgar de estorvo
 Ver a cara, e a voz que prende,
 Dessa Danae, que pretende
 Vobis vi chuveiros de ouro:
 Canta bem; mas he desobvio
 Darem-lhe outras perfeições,
 Pois cá pulos meus botões,
 Vendo a natureza, e a arte,
 Pondo-lhe o cantar de parte,
 Vale os sacis testões.

Voneto.

Contra o Padre Macieço conspirações
 Vejo os Poetas, vejo os Oradores,
 Só por cantar em Versos superiores
 Da bella Lamparina os perdicades.

Ignoramos (Satires malvados)
 Que as suas perfeições, que os seus primôres,
 Dos pequenos, dos grandes, dos Senhores,
 Forão por todo o Mundo celebrados.

Calairos já oh linguas malcoizentes;
 Deixai louvar quem he de louvor digna;
 Oradores, Poetas insolentes:

Quem mais merece o nome de Terina,
 Quem mais merece a adoracao das gentes;
 Que a gentil, que a formosa Lamparina?

Vonito

Que mal te fez a pobre Lamparina?
 Que mal o bom Macedo te tem feito?
 Elle so homem deixa-o ter diffulto;
 Se hi Mulher ella, deixava ser divina.

Por ventura corrompe a sua doutrina
 Hum sublime, hu poetico conceito?
 Por adorno vemente, e por perfeit
 Na commun accusao, que o determina.

Aquellas Lamparinas piores q' esta,
 Terão tu anteposto ao Deos da graça
 Usando de expressao menos modesta?

Ora consulta o mal que por ti passa,
 Vai perguntar á Natureza infesta,
 Se os Macedos vão feitos de outra massa.
 Joao Xavier de Matos.

Voneto

Deixa falar o inclito Macedo.
Esse, que os teus costumes satiriza,
Todes por lezes, sabe, que perizao
Ser mais pexada a bola, q' hum penido.

Dos seus dictorios nao, nao tenhas medo
Por que entre os sabios nao te exautorisao,
Honra aos teus nacionaes, que em ti sevizao
Engenho, que outro igual nao verao fido.

Alantora gentil que vive ufana,
Se Deus a distinguio, chama Divina.
Por que bem sabem todos que he humana:

Pois com esta expressao nao se abomina
A verdadeira Lei, nem se profana,
Na tua bocca de oro a sam doutrina.

Fr. Joaõ de S. Pedro de Alcântara.

Soneto.

Quem he este Peralta reverendo,
 Que em Verso torpemente nos abra
 Quereendo infectar toda Lisboa,
 Errada e hesfiamente discomendo?

Quem he (como adizer) que pervertendo
 Vai da Santa moral a liccação bra
 Vem que haja hum vil tambor q' pize, emôa,
 E toque a Tassa a Monstro tao horrendo.

Quem he que o puro nome de Divina
 A Lamparina dá sem susto ou medo,
 De quem aos idiotas mais crimina:

Ve o Autor quereis saber de tanto enredo,
 He hum de honesta cor, como a da China,
 O Doutor Padre, o Amador Macedo.

Vonito.

Reverendo Peralta; em vão desmentes
A fôrça de arte, afrente já nevada,
Quando a idade, na cara encarguilhada,
Bem se descobre, e nos quebrados dentes.

Por mais que na Plátia te afoquentes,
Para exceder a todos na asfoada,
As vistas não atráes da tua amada,
Que os velhos pobres são impertinentes.

Novos esforços teu amor procura;
Combates a formosa Lamparina,
Com peças de eloquencia, inda que impura.

Isto não basta chamas-lhe divina,
Então se satisfaz tua loucura,
Julgando lhe tens dado alguma mina.

Voneto.

Reverendo Peratta dos Perattas,
 Ve pobre te contemplo, e envergonhado,
 Que diabo te tem Zamparinado,
 Pois na Opura vejo nunca faltas.

Ve a triste cantar vez, de gosto valtas
 Mostrando no teu gesto amacacado
 Gostar, que Zamparine no tablado,
 Trinados mil ostente em vozes altas.

Peratta Reverendo, tal loucura
 Propria nao deve ser da tua idade,
 Vê, que proximo estás à sepultura.

Que queres fassa a terra mocidade?
 Nem tua predica gosta, e se aporcura,
 He por ver da pieguise apropriada.

Vonito.

Meu Macedo; tu Prêgas doutamente,
Tens arte de atrair, tens energia,
Tu na conversação, na companhia
Tens agrado, tens modo, és eloquente.

Tu tens merecimento, és bom vivente,
E si o contrario he tirania,
Os teus versos são bons, tem harmonia
Por mais que d'elles zombe o maldizente.

Louvás-te a Lamparina transportado,
Eu te desculpo: em fim he a primeira,
Que nos tem no Theatro arrebatado;

Mas fazendo justiça sempre inteira,
Pomada, Anéis, Cabelo apolvilhado,
E no meyo a corôa; he forte asneira!

*Habelidade de Lamparine, exposta
 nas seguintes*

Desimas.

1

*Oh lã Muxicos, amantes
 Que vois da vossa magana,
 De Amor; ja que tendes gana
 De ouvila, vinde flamantes:
 Curi, e aprendei constantes,
 Nao da celebre Falchine;
 Nem ja da nossa Istine,
 Mas dessa (va lã averdade)
 Que o faz com mais suavidade,
 A singular Lamparine.*

2

Não vo com tal primor canta;
 Mas também conforme o exposto,
 Diz, compõem com tanto gosto,
 Lá mayor Mestra se adianta:
 Compõem vim com graça tanta,
 Que a composicaõ procura,
 Tudo o cantor de figura,
 Compra-la com todo o excesso;
 E ella a todos por bom preço
 Vende a sua composutura.

3

Comprarne com effeito,
 Que a Solfa quer pôr em grade,
 E uzar do tempo que agrade,
 Destra arma a grade a seu geito:
 No Cantoriao ao porcelto
 Expõem o seu Diagrama,
 E a obra mettendo mão,
 Com affectos, e ternuras,
 Mete a compasso as figuras,
 E as põem em suave uniao.

As figuras sem desair,
 Fao ella vobis de ponto
 Por que nuste contra-ponto,
 He' mostra a mais singular?
 Pois nao' vo' far allerar,
 Quando os affectos procura,
 Toda a maxima figura;
 Mas inda a minima, e bem,
 A faz exultar tambem,
 Com suavidade e docura.

25
 Para no proprio lugar
 Meter a figura longa,
 Fao com que esta se prolonga,
 Vern vua extencao recear:
 Antes de mais longa estar
 Se agrada sem embaraco,
 E que em seus quatro compassos;
 Exercite o seu officio,
 E por este beneficio,
 Lhe da mil beijos, abraços.

6
 Uxa também do seu breve
 Que obis compassos só tinha;
 Mas já longo hoje a ser vinha
 Nem poder ser simi-breve:
 Também usar se deteve
 Da sua bella colchea;
 Mas indo á simi-colchea,
 É a seguinte de que se usa,
 Figura chamada Jura
 Da infusão desta re-ancea.

7
 Para as vozes lhe enoxerir
 Vêa que o valor lhe dá
 De u, re, mi, fa, sol, lá,
 Com que as veyo a destinguir
 O Triple só por sobir,
 A mais alta consonancia,
 Lhe meteu com gesto, e ancia,
 E meyo ponto subido,
 Forma ancioza o sostenido,
 Com suave estravagancia.

8.

Vem receyo em vob're salto
 No lugar do seu destino
 Por ver' o mais genuino
 Também lhe mite o contra' llo
 E por que não fique fulto
 Do tenôr; seu movimento
 Lhe introduz, e n'um momento
 Da volfa no fundo fesso,
 Por baixo' lhe encaixa o gressô
 Que he todo o seu fundamento

9.

Os compasos do seu gosto,
 Já morôses, já velôses,
 Introduzidos as vozes,
 Formou da Volfa o compislo.
 E já com alegre nisto;
 Pela experiencia compôiva,
 Que se vai a fazer prova
 Volfejando a comprestura,
 Como canta por natura
 O seu gosto mais se prova.

Canta alegre; mas no tanto
 No alegre apressada vai,
 Como n'esse alegre asfai,
 Que causa na fuga espanto:
 Nesta, he toda hum mero encanto,
 Por que com modo belisimo,
 E com hum gosto finisimo,
 Muito suave, e elegante,
 Forma esse alegre brilhante,
 Forma esse alegre-prestissimo.

11.

Em uzar nao se embaraca
 Nessa vua compratura,
 Nessa trix-quialta figura,
 Por que as trez mete com graca;
 Sem que humra, ou outra lhe fassa,
 Algum pejo desigual,
 Sem tao pouco lhe faz mal,
 Baixem por b-mol agora,
 Pois por b-quadro vem mora,
 Torna a coiza ao natural.

12.

Na cadencia em tam suave
 Forma o trino soberano,
 Já com lirno som pianno,
 Já com forte, com som grave:
 Vem que aos ouvidos agrave,
 Também canta por falsete
 E a voz natural já mite;
 E por que fique mais doce,
 O seu canto a meza-voce
 A suavidade repite.

13.

Por que fique a fuga airosa,
 Segundo cá o repete
 E forma hum belo sustemuto,
 E a deixa assim mais graciosa:
 Oh cantora prodigiosa!
 E como assim singular,
 Sabes bem desempenhar
 Com os teus bellos primôres,
 Na arte dos teus Amores,
 A volta do namorar?

14

Tu Lamparine tao fina
 Es' nusa arte de cantar,
 Como foi na de dançar
 Essa decantada Annina:
 Desse guapo Dansarina,
 Que ira de galhardo gesto,
 Imutava o modo honesto:
 Della iradas eses teus bens,
 Pois como ella tinha; tens
 Poderes ricco, e honesto.

15.

Tu cantas, ella dançava;
 Cantas tu com suave tom,
 Grarice que ella ao vom.
 Do teu canto, he que bailava:
 Do baile ella se prezava;
 Tu te prezas do teu canto;
 Tu cantando vales tanto,
 Quanto ella bailando: attento,
 Bailando ella, era portento
 Cantando tu es encanto!

16

Ella sancando fazia,
 O que sabemos, e vimos,
 Tu cantando como ouvimos,
 Fazes mais por esta via;
 Mas, por que atua ardentia,
 A'da tal Annina excede,
 Tanto como lhe procede,
 O que nesfa arte praticas,
 E as vantagens com que ficas,
 De mais quente ver procede.

17

Mas as vantagens que gozas
 Consistem só n'aparencia;
 Porém nao, por que na essencia
 Vejas as prendas vantajozas:
 Sem vantagem, venturozas
 Annina e tu vao no billo;
 Vao o mesmo paralelo,
 E a prova lo assim me obrigo
 Dues qual mas, qual menos digo
 Que toda la lama è fúlo.

18
 Vendo pois isto como he',
 E o mostra a razao bem clara,
 Por que te vendes tao cara,
 Que formao de ti ma fe?
 Mas ja sei, que isto he por que,
 O Quathimo te recrea,
 E a ambicao toda te ancioa,
 E te faz, por que te encarne
 Prodigas da lua carne,
 Carara da carne alhea.

19.
 A Annina nao era assim,
 Por que aquem a galanteava,
 Nao consta que premiava
 Com liberal ferozismo;
 Mas tu so he' - venha annim -
 Euzando d'ambecioza ancioa,
 A eses com putulancia,
 A mais fina, e refinancia,
 Por ficares sustancia da.
 She tiras toda a vustancia.

20

Dize, por que tao vil-mente.
 Este estipendio assim cobras?
 Dize ja por que assim obras,
 Atões, que nao sao de gente?
 Ve he por estares demente;
 Por que algum de airada vida
 De quem tu foste querida,
 Te ferio, indote aos coivos?
 Deixame bater dois ovos
 Para curar a ferida.

21.

Ve has de mister ser sangrada
 Nessa cutanea selecta,
 Com a menstrual lanceta,
 Eu te darei a picada:
 Ve a via ficar rasgada,
 Mais do que he conveniente
 Bem podos afortunamente,
 Tu curas-la em cazo tal,
 Com leite, q he verginal,
 Que he para isto excellente.

22.

E se estás esquentadinha,
 Quer mais d'essa febre o abalho,
 Que te dem carne de galo,
 De que carne de Galinha:
 Ora abre lá a boquinha:
 Inna! (de carne que trofres!
 Cruz! Inteiros, duros, grossos,
 Ingoles, sem que te espolem!
 As que assim a carne engolem,
 A vem a mijar em tijos.

23.

Livrate desses trabalhos,
 Por que fazem, com que as Damas,
 A molecendo-lhe as mamas,
 Fiquem huns penderucalhos:
 Ellas ficam huns bandalhos,
 Vendo á vontade infieis,
 Rebeldes do gesto ás leis,
 Que pois já valor não tem,
 He valiao hum vintem,
 Não vem a valer dez reis.

24

Nunca Estrangeiras mais belas
Alcancaram Trico igual
Adamas de Portugal,
Quem tem mais gosto do q'ellas;
Quanto mais, do que a Musfueilas
Desse Theatro aduersario:
Pois recolheite ao vestuario,
Por q' eu ja deixo a platia,
Pois sou por melhor idia
De taes figuras contrario.



Vatira.

Donde nasce, que todos indulgentes
Com os seus vícios são; mas contra os outros
A mordaz lingua aguçad, não perdendo
Aos mais leves defeitos; ha de a aresta
Ver nos olhos alhijos, e da tranca
Que nos seus olhos tem, cazo não fazem?
Quem voportato pôde? Caste infame
Da Vatira o asfoite levantando,
Sobre vós hoje está: Vos dos meus versos
O Argumento vereis; com vosco he a guerra.

E tu, oh bom Limano, que não temes
Da fennetica inveja o voraz dente;
Tu que dos laens que lábrad como à lua.
Mofando sempre estás; o Sacrificio,
Que te derijo, aceita: he a justica,

Quem o animo me ascende: Mal faria,
 Se ao teu merecimento não rendesse,
 Algum publico obsequio. As nobres almas
 Conhecem-te, estimam-te; deffeitos
 Se por ventura os tens; qual he o que nasce
 Vem que deffeitos tenha? De corrupto
 Tronco brotamos todos: pulos ramos,
 Se diffunde o contagio. Se acanatha
 Vil, infamarte quizes, he sua a injuria;
 Que mais dezijs para te vingares,
 Que conhecidos serem: ja na praça
 Veus pobres asfoalho; suas manchas
 Afazer manifestas ja comeco.

Surgiram entre nós do pó da terra
 Não sei que maos espiritos; que a Vara
 De rigidos Ancores usurpando
 Accão não ha, que á sua funia escape;
 Grandes, pequenos Sabios, ignorantes
 Vós sois o alvo das emadas settas:
 Etolirao-se sem que á desbocada
 Liberdade se ponha justo freyo?
 De quatro Authôres decorando onome

Para enganar da plêbe a rudez crassa
Presumem que com ar de Mestres podem
De Apôlle sobre a tripode sentados
Ao seu arbitrio repartir os votos
Ticxando as carregadas sobranceiras,
Os narizes torcendo nada aprouva:
Tudo lhe cheira mal: Grocio, Bohemero
Montesquieu, de Rojal e Pofendorf,
Posto que os não entendas andas sempre
Na Sala dianteira; de palavras
Urando, que do tempo a curva rôda
Levado tem do tempo esquecimento
Para a negra masmora; não sabendo
Que Horacio he claro, que nas linguas vivas
Ouzo he quem governa. Grande Barro:
Que afronta te não fazem quando entendem
Que do escudo lhes serves? Tu falastes
Do teu século alingoa; fabricando
Novas palavras, tu a enriqueceste,
Da carunchôza icdade sacudindo
As bolorentas frases; e ha quem queira
De acomo, de abastanca, de hua grôza
De semgentos termos fazer pompa;

Toda a sua riqueza condestindo.
 Nestas drogas? Ainda que quizeras,
 Não contorne, não posso; he dezaforo!

Não duvido que humas vez, ou outra
 Tal qual palavra antiga lugar tenha
 Exprime às vezes mais; por peregrina
 Vêe às vezes passar: mas com que sabria
 Catela, estas licenças se concedem?

Eu de algumas me sirvo; outros conheço
 Que de algumas se servem: a prudencia
 He quem a luz nos dá para podermos
 Com dextra economia governar-nos.

Quem por extravagante não teria,
 Aquelle, que do hombro asólla capa
 Pendente, as fôças calças enfeitando
 De crespos tepus, com o retrucido

Bigode, feito ao ferro, e alarga eçada
 A cinta posta sobre fibão justo,

Passeasse entre nós, desenterrando
 Dos Monsinhos, as passadas modas?

Pois este he o nosso caso; das palavras,

Esos trages a condicao he amesma,
He ridiculo quem se afasta do uso.

Bem hajas tu meu Matos; tu Brasilia
Bem hajas, que com humas nobres, tersa
Locusao, do Parnaso ao bipartido
Lume, voado tendes: comperveros,
Nao vos deixastes de Mouriscas vozes,
Da rancorosa antiquallha: vosso versos,
Com aplauso de todos serao lidos.
Do Tejo vobres as ondas praticadas
Andarao vosso nomes, amancadas
Da fria mao da morte: vos de eternos,
Affama alcançareis nos campos lizios,
A fresca vóntroa do vicioz Louros,
Que a honrada fronte adornao dos Mirandas
Dos Lamoes, dos Bernardes, dos Ferreiras!
Mas que cotro me arrebatá? Da vereda
Quem me desvia! Oficio outra vez se ate.
Que muito, que por hum charne outro abismo
Como da nosa Lingua a magestosa

167
Nobresa estimarad; como a elegancia?
Ve hum Author entre nós não há que passa
De Modelo servir-lhes? Este hi frio;
Da sam Filosofia ignora aquelle
Os severos dictames: Qual da Ordem
Não observa as belezas: Qual Patrillas.
Mas vós que tendes feito? Não estalamos,
Sempre com vans promessas os ouvidos;
Como Monte que emprenhando páre,
Em ves de hum grande Monstro, hum vil
Ainda do Direito-patrio, a Historia,
Esperando se está! Ve da Poetia
Ofim he agradecer-nos, se instruir-nos,
(Longa fadiga de cansados annos)
Segredo he, que ainda descoberto
Vós não tendes. Ibo, dos pudantes
Aterrar as orelhas. Nós sabemos
Atte onde chegues: fanfanonadas
Não se engolem por cá. A'rossa conta
Ja temos lido muitas: e atterreis-vos
A macular com temeraria pena
Os Escriptos dos mais: vamos avante;

Há de vos agradar a palavrinha.

Mas não se peruncas, quanto nes cega!
Refinada vaidade, com teu fumo
Quantos juizes tens escuricido!

Da = Quadrilha roas = tal ha que afirma
Que passados tem ja todos os livros;
Que ja nao tem que ler. Tal azevira,
Do nariz mastigando o secco rânho,
Que para conhecer de mundo a idade
Necessario seria calcularmos
Os Terremotos. Ora eu ja nao posso,
Demorar-me com tanta baboçura.

Charlatões importunos; ja vos deixo:
Por agora vos deixo. Pintos, Souzas,
Monteiros, Estoquetes, Bandeirinhas;
Valente Chape do famoso Troço
Da Ribeira das Nôas, athé a prim?
He ao disfavor da Natureza, fennos
Quindos, asseitai o meu concelho;
He santo; conheceis, e calavos.

Macaco.

109
Em Reposta a antecedente; vai aporante

Vátira.

Não te invoco oh Critica, que austera
Com puzado semblante, vós severa,
Degradaas-te das honras da Poesia,
Tanta Vátira baixa, hua Ode fria.
Ve tu encerras o saber divino,
Que em ti exalta o Sirico latino;
Saber que faz, com que o varão prudente
Nos Versos frouxos, nova força augmente
Que os duros amacie, e os mais riscando
Vá os vóltes Macedos doutrinando:
Como he possível, que haja quem te chame
Charlatam, importuna, e cásta infame;
Quem da ignorancia, epi nascer te faça
Para enganar da Plébe a rudes crassa.

Porem, que estrondo homiseno, que estalo
No ar resaca; eu vejo já vulcato.

Por lamêssa velos cafoquiada,
Onde a asperissima Deora vem ventada.

Amepiaa-se aos nusios os cabêllos;
Os viciozozos fazem-se amareillos;
Falta-lhe o alento, a voz lhe toma o susto;
E impavidos só ficam, o Sabio, e o Justo.

Levanta a Deora o braco poderoso,
De donde pende o asoite rigorozo;
E hum só piqueno golpe despedindo,
Deslumbrados por terra vae caindo.
Vobre o Macedo, já de pé banhado,
Os que haõ da recta Deora blasfemado:
Esquella o resto grave amimi volvendo
Ja tinta de ira, assim me foi dizendo

„ Destes que vez apenas respirando
De purguicozozos, vil rasteiro bando,
Nuns vivem de falar à custa alheia;
A colã tem jantar, a li' tem cea:
Ingrato hi aquelle, etao sobre maneira,
Que affectando amizade verdadeira,

Pira do Amigoopi, quando imagina, (1)
Que dá toques de amor à Dasarina:
Este he Jurista, que em ociosidade,
Vive contente, si com ter vaicade;
Come, passa busca sempre os ricos,
Funda asciencia em quatro mairicos.
Estes que viver quierem vòllamente,
Hum ver sabio, Poeta, e eloquente;
Outro Jurisconsulto o mais profundo, (2)
Tremem se os dea aconheer ao mundo;
Como os punge a timida consciencia,
Nem para se calarem tem paciencia,
Nem tem saber para emendar o vicio;
Revelao do hum em outro persepicio.
Estes me acuzao, estes me aborem;
Mas se ao longo me veem logo esmoreem
Por que thus proiro, gae asua mesma bra,
Gera as calunnias vis, gera a mintira:
Eu te instruo na origem destes males;
Dize a verdade, mudo, enao te cales;
Ves aquelle offace escarveirada,
Olhos surtidos ja, testa enrugada,
Que tumifas de espuma scnetilando,

Vai da Libeca as fúrias amancando,
 As pestilentés Serpes, que sacode,
 Já que seguir as minhas Leis não pode;
 Pois a sua activíssima vaidade,
 De longo tempo insulta, esta cidade:
 Hum Orador não ouve, hu só Poeta,
 Que não fosse hum estúpido, hum pateta:
 Desvanecido, bons emãos moleja;
 Alguns com rancor, a outros com inveja;
 Tempo ouve, em que elle foi ás letras daob;
 Mas do Templo das Muzas destemace,
 Gastou em ócio, o já lucrado oiro
 Deixendo acrescentar sempre o thezouro.
 Forao volvendo os annos persurrisos
 Amanheceram dias mais formosos:
 Foi do Pulpito santo desterrado
 O jogo de palavras apctado:
 Foi o biforme equívoco banico;
 Já si não ouve o texto retorcido:
 Com que qualquer dos Santos, no seu dia
 Com o Senhor dos Senhores competia.
 Leem-se os Poetas Gregos e Latinos,
 E Macedo com ditos viperinos,

Pobre de letras, sego de jactancia,
 Inda se crê nos tempos da ignorancia?
 Se por bons aprendeu, nós os bons lemos:
 Se tem talentos; nós também os temes.

Como estivessem pois tão maltratados,
 Pregadores, Poetas, e Letrados,
 Rancôzes, e modernos Escriptores;
 Este que reprehendia aos seus Mayores,
 Que os Rasas coroava a Castidade,
 Pronto sempre a affectar sublimidade,
 Vomita humma Cã baixa, e corrompida,
 Que aos lastimosos animos convida.
 A pôr freyo na bocca dismandada,
 Deixando a antiga injuria bem vingada.
 Queria em seus defeitos ver purificação?
 Elle dictou as Leis por que he julgado.
 A trombeta oburada empunha a fama
 E por tem boccas em Venêtoz clama:
 Dis-lhe, que emende o trage, e os maus costumes
 Quanto nao provara tao geraes queixumes:
 E por ventura comedio-se acaso?
 Vê-o tentar sobir inda ao Parnazo.

Engatinhando vai pulos penedos
 Levando já em sangue os braços deos,
 E agarrando e os dentes enfiados,
 Aos ramos facilmente destroncados.
 Mas não pôde chegar ao pice altivo,
 Onde se bebe aquelle lume vivo,
 Que inflamou Boileau, e os dois Romanos,
 Para triumpharem do poder dos annos.
 Frias, griceiras Vativas fulminas;
 Ameasas, clama, sedatina;
 E nisto mesmo a prova nos tem dado,
 De que he qual foi, enao está mudado.
 O que he moral na Vativa primeira,
 Furto ao velho Horacio da terceira.
 Ah Plagiario pobre! ah ignorante!
 Furtas, remenças; enao hes pedante?
 A o ler nos fillos, que criei aos peitos,
 Tu vibora asanhada pões defeitos?
 Elles humildes sao, não negão teler
 E tu tens olhos belos para vêlos?
 Mas tu vicios não tens, se por ventura,
 Tens leve noção vem d' amore impura.
 Que atentes qual tens sico, te suplico;

Vi bem qualinda és, e eu aqui fico.

Convertendo-me agora a esta altiveza,
Com que das Leis na lingua Portuguesa:
Qual uzo he esse de que Horacio falla,
Que ha de manter a lingua, e governála?

He quelle que tu faras de transporte
Enterisar, conduzir, e de desforça,
Famfarrão, calcular, terço, e diversas
Com que salpicas a tua Proza, Versos?

He esse da franciza Papazia,
Sem Dicionario, sem Academia?

Esse de Oracões curtas desligadas,
Que mede os teus Versos por polegadas?

Ou he de enfiados Escriitores,
Que viverão nos Vículos milheres;
Livros com descripção e só seguidos
Nos vocabulos, que andão mal supridos;
Nos que são fillos de eruditos tempos
Que a ignorancia, a guerra, e os contratempos,
Por hum pouco afastarão dos livros
Dos que não são Letrados nem vão livros?

Em fim naquelles de que tu careces,
 Dos quaes nao' ouzes por que os nao' conheces?
 Quem segue no compôr a tua idea,
 A pobreza da lingua nao' recea;
 Abastanca nao' dis, nao' escrever a uma
 Mas seja a obra qual for, poem sempre o meu.
 Dos teus versos tirada a prova seja;
 Tu chamas-te frenetica á Enveja;
 Nos versos, que á Cantora offerceste
 Na Satira frenetica prezeste.

Tu tens em lista os nomes concordados
 Os epithetos todos já cantados,
 Em Proza, e Verso o mesmo hi repetido;
 Com duzia, emmeys ficas bem servido.
 Ora tu nesta parte andas com sizo;
 Prigas, poetizas, sem te ser perizo
 Ver hum nosso Descripto; les os Franceros,
 E bem que a nossa lingua muitas vezes
 Tenhas com galecismos corrompido,
 E o seu ar magestoso destruido;
 Como hoje a torta pizza do teu lado,

Gratas com o uzo, e cres-te disculpado.

Pelas vestidas a linguagem mudas?

Ve a diversa razao: obso me pides,
Em ti a cou: quizes-te armar-te à moda;

Logo escandalizaste a corte toda;

Aos vestidos consulta-se a riqueza,
Que he amai do luxo, enad a natureza.

Aos homens sempre enfiata-se a vaidade,
E as mulheres a vam sensualidade:

Mas nas Linguas he ponto d'icidido,
Melhoras so em attencao do ouvido;

Nada vez innovar, se nao achamos
Termo, que exponta bem o que pensamos.

Para esta deciraç cumpre ter lido
Antigos, e modernos revolvido.

A estupidis do Veculo, passado,
E dos tempos vizinhos nao tem dado,

Legitima razao aos seus juizes,
Para esquecer vocabulos perizes,

Que a necessidade, e o uso suprimiraç
Que bem nos servem, e ao nosos ja veniraç.

112
Nao' aprovo a affectada semanzia
Nem tolero esta tua Poesia

Tu concolas-te em ver hum bom faccira
Que tem odio mortal á Cabeleira:

O chapéo, abortou-lhe hum, que cobria
A malicia ao General da Companhia;

O topete em tres tranças repartido,
E depois tudo em hum calabre unido;

A face prolongada até á bocca,
Que em vez de acoyo a nojo nos provoca
Ao puseoso de panno grossa pessa,

Que lhe segura o livo da cabeça;

O peito aberto, a cruce se deriza

Hum coracao nos bofes da camiza:

Hum fraque justo ao grito de soldado,

De hum cordao-zinho, ou de galao orlaado:

Hum collete, que o peito lhe empertiga,

Hum Calcao, que hi o esteyo da bamiça,

Por hum, e outro lado semelhante

Atua loba, velha por diante:

Hum Espadim, que em forma de balança,

As veras no joelho lá descanca:

119
Humas meyas fingindo obras de Ratos;
Nos pés humas Dedieiras, por sapatos:
Pois este he o uzo em bastantes visto
Tu na Lingoaige regete por isto.

Passando ao mais que atua naira acurza,
Malhas se o Lavrador tem, e recurza.

A terra revolver, e o duro arado
Ja tantas vezes com o suor lavrado:
Ve elle vê, que a grada, e que o pedrisco,
O fulgurante Rato, eo Corisco,
As Searas lhe queima, e os arvoredos,
Em quanto os mais recolhem fructos lictos:
Tu que tivestes de antemão sementes,
E as abegoarias competentes;
Canos com que estas Ruas descalcaste;
Dize-nos, que maninhos cultivaste?
Os que nao devem pirodigos queirias,
Tu nao pagaste aquillo, que devias;
Mas se as Linguas regulas pelas modas,
Assim discorres nas materias tocas.

Até na Historia he tal tua ignorancia

Que te espantas, e encontras repugnancia
 Em computar o Historiador profundo (3)
 Os Fenomenos, que hão pasmado o Mundo.
 Pois esta foi de Boulanger a estrada;
 Mas sêio responder, coiza he baldada
 Sofrer não podes tanta baldadeira,
 E eu soffro na tua Ustira primeira,
 Ver o Verso Secenta e quatro errado;
 O Setenta de todo abetumado;
 Ogentesimo-citavo errado ainda:
 Quanto ao sentido, a Natura, está linca
 Incorrecta, grosseira, humilhe, e fria;
 E não has de encontrar humda alma pia,
 Que no vaidoso Cerebro te mête,
 Que é muito secco para bom Poeta?
 Uzas de asphaltar, de manhan uzas;
 Termos da icade dos que tu acuzas,
 Boas palavras vao; mas não se ajustao
 Com as de cima, que os mortaes assustao.
 Ora pois amedisa, e em fim treveja;
 Mas não escrevas, por que não seveja,

Quão pouco vales. Ve eu vir obra tua,
 Grê que a âncora logo está na ria:
 Ve as sátiras sad' más como disfestes
 Tu a prova das nestas que fizeste."

Disse, e o airozo gisto serenando,
 Esta vara me deu com rizo brando:
 O asfoite hade ser dos ignorantes,
 Ficar não háis de impune como dantes.

Domingos Monteiro.

Notas.

- (1) Estando o Macido á Mesa do Lavre, Me
 rizou op'ê, cuidando, que era o da Cheguina;
 e q' resultou perder a amizade do Fidalgo.
- (2) Author do Poëma, Paraguai.
- (3) Tinha Bandeira dito em conversação,
 que pullos phenomenos se podião calcular es-
 culos do Mundo, segundo osistema de Bou-
 langer?

O toureco do Talaya; As paixões pulla
 Cantora Lampiarine; e as descomposturas
 de Monturo, são os objecto da presente

Vátira.

Que alegre ira o Entrudo n'outro tempo!
 Está tudo acabado; ja nao vemos
 Anojarem-se as Vilhas d'agua immunda;
 De brancos pés aos lcos engluem-se nuvens:
 As ruas retumbar de saia pulha;
 Dos marotos a basta laranja-da;
 A pulota de bano, o esguicho, o rabo:
 Do Galego seruil a cara informe,
 De lama emporcalhada, e de tal coiza;
 Hoje apenas se ve em algumas gotas

Espremidas catirem das janellas
 Por maos mimozas de gentis Donzellas.

Mas Ah das Cortes, e lidades grandes
 Destino, providencia: nunca ao publico
 Falto quem disse novos Spectaculos!
 Quanto nao viu, este verao Lisboa,
 Vendo posto na Praça da Parada
 O vaidoso Talaya, 'capitao',
 Doutor, Almotaci, Poeta, victora!
 Tratando hum bravo Toiro de quimera.
 Coe fazer, mais do que Belorofonte;
 Que este montava so' o alado Pigaro;
 Mas elle trez Vendeiros desazados.

Acada hum arrasta seu desejo
 Com tanto que o consiga nao tem medo,
 Que o azeite o Povo, e o mestre ao decto.

Lamprarine aparece adeos Talaya,
 Lamprarine em Francex, em Prosa, e Vexo,
 Nas Valas, no Theatre, nas Tabernas,
 Tuco se emzamparina; os humens dige;
 Que as Senhoras, malcita graca lhe achao.

Já de mil Pertendentes rodeada,
Se constitua Penelope às avessas;
Por que a outra esperara o errante Epôso;
Esta côm porem Climas diversos,
Vendo muitos costumes, e Usados,
Vemente por buscar alguns Ulisses:
Brê achalles aqui, que a fama vâa
De ver Ulisses quem fundou Lisboa:
Nê qui hum Me appareça astuta e distra
Vai fiando delgaco os seus favores.

Por ella vâo no estucado lecto
As dobradiças da ferrada Puma;
Donde o Negociante tira, e conta,
As renitentes Picas que encartuxa,
Em quanto o guarda-livros vigilante,
No = H' haver a caixa = escreve, e lansa,
Em despezas geraes daquelle via.

Tere a pêta, o anedoto, a praga, a intriga;
Chove como na lua aos Directores;
Sem te livras asmatico Ineonie
De venenosas linguas: thê Pintores,
Por ter de Laminarime exaltas copias,

Animas as finceis da vida às cores.

O demônio de hum louco entusiasmo
 He apodera da Plêbe, dos Orates:

(Disse Orates, querendo dizer Vales)

Que imaginando com saber por fundo
 Qu'inda ha Vapores, ou Lezírias p'lo mundo,

Estragem os curiões com Romances,
 Décimas frias, rancidos Sonetos,

Que mal entende a Actriz Veneziana.

As que de Authór agradece Ode à Divina

Pelo vulgo se espalha = Asfas de Plúto =

Vaes a empastar-lhe as varas no caminho.

Esquentase-lhe a bilis, fremem de ira;

Que os Poetas tem olhos de Diabo.

Da qui o Macedo Vátiros fulmina

Moldadas sobre o tom dos seus Vermãos,

Em verso solto, como o proprio Authór.

De exordio, nanocao, invocação

Não se sabe ajastar nas suas obras,

Inda que v' fizesse hum mào Quarteto.

Da li Monteiro, qual outro Lucilo

Estando sobre hum pé, faz n'uma noite

Trezentos pares de enfiadôças Plumas;
Em estilo dialetico-forense.

Ambos Poetas são invito Domino.

Este quando o quer ser se nos presenta
Corregedor da Vara de Megera.

Aquelle traz o asfoite de Terifone,
Com que o seu corpo castigav' devia,
Refreando a licença penitente.

Devicem-se os Juizes: Defensores
Occupad o Parnaso ambos os cumes.

Bazilio faz Lunatico a Macedo:

Mattos, fa-to pastel de carne, emasa,
Nao te fallao Monteiros mil reguazes,
Que se offerecam a dar em teu serviço,
Até á ultima gota do seu Estro.

Toca-se ás Armas, temos-la travada!

Tempo ja houve, em que a Discordia fira
Que nos pequenos Corações domina,
Espalhou o seu liquido veneno,

Nos puitos dos Brejeiros, Naparus;
Virao-se entao d'Alfama, e da Pamyulha

Tremolar as Bandeiras; e os Exércitos
Marcharem com furor à civil guerra.
Que os campos infestou da Colôria.

Vós, igualmente divertis Lisboa,
Cuidando acreditaris com discordias.
Vós do Entrudo as figuras; vós do Inverno
As Talayas, e a fabula do Peir;
Por mais que a gente seria às garga-
Moteja à vespa cista de mais Verses, ^{Moedas}
Vós vos credes Homens, e Vergílios,
Por ver que quatro estupidos vos louva.
E se algum vos não grita = Viva, bravo,
Este Verso em fraze Horaciãna =
Vem vergonha vós mesmos aplaudis,
As caras atreando com palmadas.
Festas felices! Bemaventuradas!

Deixa Amigo Montiro de secarnes,
Com a antiga locucão, áspera, e dura;
Confesamos, q'tem graça, e energia,
Lida nos bons Authores, que n'os honra.

Mas as palavras são como a moeda:
 Ouzo unicamente he o Rei que faz,
 Que ellas valhao, o que elle quer que valhao.
 Como ellas cõrao só a presente marca,
 Faze outra vez viver as esquecidas
 Adopta emtõra as novas, funde as vèlhas,
 Sima as informes pule as escabrozas,
 Enriquesa-se a Lingua Portuguesa
 Com prudente licença e boa escolha;
 Porém nunca vocabulos nos digas,
 Que amanhão os bixinhos dos ouvidos.
 Nem átoos concede a Natureza,
 Como concede a ti, e à tua Veita,
 Orèlhas de aso, tympanos de bronze.

E tu Mancebo, falote sincero,
 Dou-te licença de queimar teus Versos.
 Não nasceste Poeta sem paciencia,
 Emprega o tempo em ler as Scripturas,
 Os Basilios, Chrysostomos, Gregorios;
 Pois he pena, que tendo alguns talentos,

Não saibas tuos Vermões anada disto:
 Hum estilo affectado, e corrompido
 Não he a phrase simples do Evangelho.
 Admiraos-te ignorantes; mas aos Deuses
 Não podes agradar, nem cumprir.
 Isto de Poesia he bacatela,
 Propria do outro instituto, e d'outra idade;
 Vê qua a aurora do tanto derrengano,
 Já começa a rajar nas tuas Fontes.

Deixai ambos de ser alro das gentes,
 Quixotes cada hum por seu feitiço;
 E a gôra, que se chega a Primavera
 Navegai para Antygaras, que tãdes
 Perceirão ambos de tomar o laboro.

Mura, por que razão me não concedes,
 Para encher de vergonha, e confusão,
 A incomigivel raça dos pedantes,
 Hum espirito igual ao de Venantes.
 Foi Bazilio da Gama.

Ao Tenente de Alcantara Leonardo V.

Soneto.

Oh vs, que de catanas vos presais,
 Que nas Satiras vsis tao afamados,
 Novo objecto apparece, e preparades,
 Papel, e tinta he justo que tenhaes.

Chovao Odes, Cancões, e Madrigaes,
 Sonetos, Elegias, Pés quebrados,
 Cayao sobre elle vobos delicados,
 Que vs nas outras Satiras uzais.

Da Lamparina hum nivo aculado
 Que inda que na paizad se mostrou tarde,
 Com tudo aproveitou no seu favor.

He Discreto, gentil, he mui galhardo;
 Fala o Francês, que ouvio no Cananor,
 He em fim o Tenente Leonardo.

Em Reposta a Sátira de José Bazilio, foi
feita a presente

Elegia.

Tu, magoada, tristíssima Elegia,
Desgrenhado o cabelo, envolta em pranto
Dos literatos chora a sorte impia.

Vê como estende o impiado manto
A insolente ignorancia, a mai da Enveja
Que nos animos vis domina tanto.

Chora o sincero Sabio, que deseja
Dos erros no intrincado labirinto,
Achar hum fio, por que os passos veja.

Vimos da vida o lume quasi estinto,
E ainda ignoramos, quanto em torno vemos;
Eu mesmo ignoro o como passo, e sinto.

Para acertar expostos mil fazemos:
 N'olho nossas accoas, nossos escriptos,
 Impulso he natural se os defendemos.

Ainda escuto os descompostos gritos
 De graves, e Ecclesiasticos Doutores;
 Os dos profanos sao quazi infinitos.

Antigos, e modernos Escriptores
 Tem disputado sempre azeda-mente,
 Sem se pouparem aos mortaes rancôres.

Dá hum Livro grande á França, o Leo clero
 Rayao Sciencias, vao brotando as Artes
 Atea-se a disputa de repente.

Ja Boileau, ja Barault diversas partes
 Tomao, defendem; passao logo a injuria;
 E tu Mector o Estro lhe repartes.

De Lamote, e Dacier sopra outra furia
 Se clero, e Thute vao contra Longino,
 Nao se perdoa ainda a menor injuria.

Ao Lirico Rousseau trouxe o destino
 Para ferir Voltaire, que outros maltrata
 E a li larva o veneno mais maligno.

D'Argens sóto igualmente nos relata
Da Republica douta, nas memórias
Que igual paixão a todos arrebatou.

Que disputas namoras Gregas Historias
Contra Philipe em pro de Alziphonte,
Onde vao vida, e bens, e não vanglorias.

Não há em Roma, quem de mágoa corte
Como a eloquente Lingua foi cortada,
Por que o deus Antonio não affronte.

Sempre foi do ignorante desatada,
A critica, a disputa, o pleito vivo,
Por que a infame consciencia ao nus se brada.

Mas eh Numes! que pranto sucessivo
N'alma penetra; Ninfas lacrimosas
Pedem a sua mágoa lenitivo...

Urs! Que, vijo? Vós Vós, Muzas formosas?
Que horrivel caso, que nefanda estrella
Vós moveis a respirar, vós tornas insas?

Insultada choras vossa arte bella,
Hum ignorante Aulhior, bobo gorgeiro,
Tala de vi se ajulga bagalita.

Não he de Apollo, filho verdadeiro
 Esse tào Censor: em vão o pobre
 Lutra ao Macedo; em vão lutra ao Monturo.

O sujo metro seu Author descobre
 Dá-me o' Feto das Muzas em defezo,
 Honro Verso, puro esteto, e nobre.

Quem de Vatinizar tornou a empresa
 E lis purmulga, em Vatinas, devia,
 Vaber qual he da Vatin a belezia.

O grande Horacio ja de si dexia,
 Que ainda em suas Sateras correctas
 Não era proprio o nome de Poesia

Toso montao de frases indiscretas,
 Dinos gramaticas, Vatinas informe,
 Tu de nroso Parnaso o ar puro infestas.

Não te dictou pura tencao conforme
 Ao Amor fraternal; mas foi Inveja,
 Horrendo Monstro, infame, vil disforme.

Tu foste escripta, por que o Mando veja
 Que he Vábio teu Author, que tem prudencia,
 E c'os melhores hombreos dezeja.

Mas nescio Author, que provas de impudencia
Da ignorancia da Lingua, e da Poesia
Nos nao da's na Vaticana insolencia!

Maceo, que as tuas Obras defendia
Monteiro, que as censuras replicava
Quaes-quer discordias evitar devia.

Quem a satirizar te provocava
Tua viltura voluntaria acura
O que a defezia em outros desculpara.

O Talaya motejas por que abusa
Das Artes, e o Carrastra o seu defeito,
Quando he mais emezivel tua Morda.

O Talaya tourear, bem ou mal vejo:
Tu queres ser Censor, o teu te acuda;
De baixos solecismos, nao tens pejo?

A Grammatica n'ossa amigo estuca
Logo ao segundo Verso, o caso falta
Remenda-o novamente, e poem-se muda=

No quarto verso, o em mais se exalta,
Por que ou as Velhas d'agua asi se amojas,
Ou a gente, que amoja a ti faz falta.

No quinto, inda os teus erros mais anojão
De concordar co' as nuves seu agente
Barbaramente o Verbo erque despoja.

Tu dirás que amedida o não consente
Mas tu estas livre da enfadosa Lima,
E do estilo poético, igualmente.

Ora a Vintaxe aprende, o Verbo lima
Que em quanto erras assim ninguém te apróva
Pois quem não sabe a arte, não a estima.

Vamos á frase doce, lingua nova
Em que tratas hum Toiro de quimera
Do caso de tal elle, quero apróva.

Tu sabes, que he Francês por seu devera:
Tu és douto; não deves enterte
Com fracas ninharias desta esfera.

Mas na tal bacatila, és tão inerte
Linda não sabes, que o assento agudo,
Humas vogal em sílaba, converte.

Eraste o Verso trinta, e quatro em tudo;
E a Historia de Penelope sandosa,
Tornaste hum conto frivolo de Entredo.

Tu suplicas de Penélope formosa,
 Vequir tudo em contrario a Lamparina;
 Mas vê que trapalhada vergonhosa!

Namorada, e viandante a lanternina,
 Por que da grega o aviso bem seguides,
 Finge a tua icia, e logo desatina.

Ve a outra procurava o seu Ulisses;
 Esta os Ulisses, procuras não deve!

Segue a icia, ou não finjas parvoises.

Penelope modesta se contém
 Entre os amantes: tu fingir devias,
 Que Lamparine no regaço estive.

Segue a antinomasia assem proeias:
 Ora confessa aqui sinceramente,

Que, o, que era esta figura não sabias

Mais fingiste no verso antecedente
 Lamparine de amantes rodeada;

Logo afirmas, que os busca discontente.

Tu gostas de palavra bem cunhada
 Dizes-me, que com isto te enfeiticas;
 Tenho-te humma pergunta reservada.

Quem cunhou retinente, e dobradica
 A mim, que sou dos taes de orelhas de aso
 Os cabellos, dizendo-mas, me crisfas.

Por outros termos semelhantes passe;
 Mas preem-me o cazo aqui do Verbo = Lanco =
 Que nao quero o laxio tao madraço.

Mas a tua mania se abalança
 A insultar tanto homem grave, e honrado:
 Mas zunidor Mosquito em vão se cansa.

O discreto Theonio he insultado,
 Por que suspeitas que aplaudio a billa:
 Ve hi culpa for geral esse peccado.

A tua Vateria, a todos atropela,
 A locucao exata, chamas dura,
 Quando a tua ninguem pode véla.

Mas se hi qual criz tua linguagem pura;
 Qual traz dos nosos anedoto, e intriga?
 Volte o Cardozo, eo Bluteau procura.

Mostrame humma Gramatica, que diga
 Que chover tem dativo; olha os Authores;
 Mas tu nao segues locucao antiga.

O meus d'riaos, chove em os Directores;
 Porem nunca os pinceis animarias,
 Bem que milhor que tu animem cores
 Sao os pinceis os que animar deviao,
 Nao animados ver. Os disparates
 Amigo na tua Vateria aporfiados.

Finges e os doidos confundir os Vates,
 Os que errao tanto, e os mais chamas pedantes,
 Bem postos sao na casa dos Orates.

Noto mais, que tu joges dos congoantes,
 Como hum Judeo fogia de hum immundo,
 Vejo a razao, que nao sabia dantes.

Por nao achares congoante a Mundo,
 Estreitado te viste a contrariarte,
 Pondo os Orates com saber profundo.

Ora a Prima, he enfiada a nesta parte;
 Mas tu=valente Dio= bom Poeta,
 Mostras que estais muito atrazado na Arte.

Na Historia inda te acho mais palêta
 Por que os Saphes das Sedrias nos separas,
 Que Geografia he atua, tao selecta.

Maquê he Lesbia também? Tu não reparas,
 Que he capital de Lesbos Mitilene?

Trazo Macedo o asoite, ou aqui tens varas.

Tu bebes de algum charco de Hipocrene,
 Que a memoria, e a Razão te ha corrompido;
 E lebro não há, que te serene.

Cá está n'um Verso = Vancido = embutido;
 = Actriz = em outro: clizemos, perdoá,
 Ve os marcaste, ou o Mestre em que estens lido.

Ve a Ord de Macedo he má ou boa,
 Tu não o entendes; nem para julgá-lo,
 Ha tanto como crêz inda em Lisboa.

Ve elle he sagrado, deves respeitá-lo;
 Com injurias não has de escurecê-lo;
 E inda emas muito para criticá-lo.

Hum papel que não vio a luz do prelo,
 Que não he contra os leos, nem contra o Estacô,
 Vê literariamente entra em duelo.

Tu tens os dois Vonitos censurado,
 Que em letras, como tu, náda disferão:
 Mas nas affrontas vais emparelhado.

Ahui! Teus ouvidos ja se asperosaram?
 Ja te oiso fremem, livido, moldeado,
 Estas dos dois que acuzas, se aprenderao
 Da invencao vejo as partes condemnadas
 Taxas nao se afastar Macedo eellas:
 Tu gostas das ideias transtornadas.
 Da bella Ordem filhas sãt aquellas;
 Tu principio nao seques, nem remate,
 Por isso em condemnálas te disvelas.
 He justo, que o Monteiro se maltrate;
 Pois que os teus mãos escritos tem poucado;
 Mas nao e um implicante disparate.
 Por fôrse dialectica apresado
 Taxas na tua Vateria, primeiro,
 Pelo contrario á pouco condemnado.
 Hum, lhe chama moroso, eutro ligeiro;
 Priso por nao ter Cão, preso por tello,
 No puro caso estames do Molino.
 Que a Nina enfada daves tu cirilo,
 Os dos Consoantes forao tao perversos,
 Que eu te nao sei amigo encarecelo!

Tu dizes pulhas, nao creticas Versos,
Uzas torpes equivocos nojocos,
Nosso estiles devem ser diversos.

Os dialecticos sao tao luminosos,
E os forenses tao rectos, e emendados,
Que te estranhao dois emos vergonhosos.

No verso oitenta e cinco transportados,
Os temos por hipobaton violento
Hum pleonasmio da quellas destampados.

Dizes pastel, ajuntasthe comento
De que he de massa; como se pudera,
Sem massa haver pastel de algum invento

Pastel de pasta he derivacao mira;
Pasta em Italianno, significa massa:
Perdoa a explicacao, por que he sincera.

Nos dois Portas the foi dado a graca
E a sonora cadencia da Poesia,
Vamos nos ver tambem o que em ti passa.

A descripcao do Entrudo, he suja, fria
E a o Author macaronico furtada;
O que os campos talow da Cotovia.

A palavra infestou foi transformada
Da latina-infestantia = ha melhor prova,
Que a hum plagiaro possa ser mostrada.

Se as Poemas dos deos fôr reprova,
A tua Satira nao reprovaria,
Menos moral, mais baixa, que humna trova!

Ver por ventura Apollo soffria,
No Verso cento Exército marcharem
Por que marchar o Verso nao enchia?

Eri, que em quanto os Satyros errarem
Como tu erras, nunca serao criados
Elles, e os idiôtas, que os louvarem.

Ulzas tambem de varios apellidos,
Coiza em que as Regateiras achao graça;
Veras que sao por ti mais mercedes.

Tu por vaidade vò vahiste à praça,
Ninguém te provocou, quando o Talaya,
Sempre he rogado, por que a festa fassa.

O vil entudo insulta e uma vraya,
O quieto e insultado Passageiro:
Em quem provoca he bem que o nome caya.

Apabula do povo é tu primeiro,
Que umas pulhas, e hum sóto estilo ascêso:
Diverso estilo foi do Monleiro

Ve a gente seria, em tom noticioso
A nossa custa solta gargalhadas,
Tambem ellas nos dão Sias de gero

As matenias profanas, e as sagradas
Vao pella Europa, em ar bem divertido,
Por estes laes Democrilas tratadas.

Nos da Franca as disputas temos lido
E os outros varios povos os debates;
Etambem nosso pouco temos visto.

Mas convertendo o riso aos disparates
Cenoz da tua Satira, só posso
Que veja = felix = testas = me relates.

Sera' termo de Italia? Ah ja conheço
Que cabecas no Verso ira comprido.
Cá vem' seco, he Verbo de bom preço.

Ora tu tens a lingua enriquecido,
Muita palavra doce tens marcado;
Falas correcto he duro e desabrido.

Com que oiro he o Rei authorisado
Para cunhar hum termo inda q seja
Vi por ti, e por outros laes uzado.

Se conseguires, que essa regra seja;
Algaravios, Alhos, Beirões, Minhotas,
Nao terao ao falar da corte inveja.

Dizis que ateu favor tens muitos votos,
Mas humda giria, que lhe poupa o estudo,
Por força ha de encontrar muitos devotos.

Nem eu sei como tu naõ estas ja muco
Nao ventiste os biandros amandados,
Com tanto Verso esbuzado, e agudo.

Para os termos francezes estranhados
Tens duvidos, para Italianismos,
Para os nosos, que ignoras delicados.

Se hum uzo nescio cura galecismos
De antigos Mestres o uzo authorizado
Marcar naõ pode os nosos idiotismos.

Para os termos estranhos de bom grado
Se te abre o curico; para as nosas frases
Cumpro te lo de bronze bem fechado.

Varias censuras ao Macedo fazes
 Negas a tudo o nome de Poeta;
 Nem só não liras, nem huns ha capazes
 Sa-is então e uma sátira inscripta,
 Que da Lingua, da Historia, da Poesia
 Em baixo não há que não cometa.

Deixa cantar os Filhos de Italia,
 Compreem tu para as Muzas da Ribeira,
 -Espreme as gotas - mete xulania.

Fala-nos da eloquencia veracidade,
 Crês, que he a fraze simples do Evangelho
 Não dizes coisa, onde não entre asneira.

He dialetico, o estilo do conselho;
 He puro Historico, o da Historia Vanta
 Não tem Poesia e Testamento Velho.

Mas o Vadio Gracôr, ora levanta
 Em alto Panegirico os virtuosos;
 Outra ora o Peccador e o Inferno espanta.
 Já lhe oiso reprehender os inimigos,
 Ou já e o aporricado milagres Santos,
 Rebate aos Areges ardilosos.

Encontro no Evangelho mil encantos;
 Mas quantos do Orador são os Objectos,
 São os estilos proprios, outros Cantos.

Doz mesmos Padres huns são mais discretos
 Outros na Historia foram mais versados
 Na locução os outros mais correctos.

Quaes o exemplo de estilos affectados,
 He Vátira comper em tom de pulha,
 Pregar de Páscoa em dia de finados.

Sobre a Poezia fazes tanta bulha,
 Que olhas com mais rancor a mimosa arte,
 Que os teus Rolobes, e Alfama, ou da Pampulha
 Chegar do Mundo à mais remota parte,
 As Artes do prazér lá cantão canções,
 Com outros Febo dos seus deus reparte.

Pábios, Eclesiasticos descansão
 Nos braços da Poética harmonia;
 Só nescios a acuratos se abalançao!

Diga a Roma Arcadia se aprendia,
 De Orloni, e Pampulili, Heros sagrados,
 A sujeitar rochedos à Poesia.

Finalmente a Quixotes comparados
 Vão Macadi, e Montez, e Carzo he raro!
 Vão Quixotes, esao desafiados!

Aquelle bravo Hebe, Varão precloro,
 Nunca esperou dos outros desafios;
 Buscava elle os encontros pelo fero.

Tu que alardêas semelhantes brios,
 Poem teu nome, responde ao que te noto
 Não deixes tuos aos Leitores pios.

Se és lido, se abominas o alvoroço,
 Cala-te, ou fala em letras, enao digas,
 Vis equivoocos, torpes de maroto.

Tu me recordas languinosas brigas
 Que ardem entre os Valeros bem curados
 Nas Feiras pelas suas Rapangas:

Quando elles de Varões, ja stao travados,
 E os Amochos Cacheiras volumosas,
 Pelo ar humo e outros baralhados:

Por Padroeiro das Mocas lacrimosas
 Se apresenta hum Pajola de Lisboa
 Vomitando Varões imperiosas:

Hum lhe dá logo hum coque q' atordoa;
 Outro o sapata preta lhe esfrangalha;
 Cum murro bem puchado, aquelle o asoa
 Tira o Florão com que o ar espalha;
 Que apenas foi de hum Varapau tocado,
 Estáta como Pissa de metralha.

Cabeça aberta hum braco desnucado,
 Punhos 'em tiras, e hum da li' dizendo,
 Foi buscar Lân; mas veio tosquiado.

Ora tu neste espelho te estás vendo,
 Falto de letras, falto de prudencia,
 Ve is quem cuida, as tuas obras recolhendo
 Vai logo; ou quando não compra paciencia.

Domingos Monteiro.

Natura.



Que haja eu sempre de ouvir linguas mordazes
 Em Prosa, e Verso, n'um, e n'outro estilo,
 Arbitrar das Sciencias, dos Juizes!
 Critica e o a Natura envolvendo!
 Decidirem de plano altiva-mente,
 Das obras, das Accões das demais gente!
 N'um pleito grave n'um assumpto serio,
 Em que interessa o bem dos literatos,
 Todo o debate he justo. Nós nao temos
 Outro meio mais proprio, que do centro
 Das coizas mesmas a verdade pura
 A estraya até li, envolta, e obscura.

151
Mas sobre Lamparina tanta bulha!
Aspalhar deflútes, e com o Sico
Mostrar ao Pôr objeto de desprezo!
Homens sábios, e doutos dia, e noite
Consumir em poéticas fadigas,
Criando odios, fomentando intrigas!

Essa bella Cantora, que trouxera
A sorte a Portugal, com tanto estrondo,
As attencões nos rouba, nos encanta
C'ó a doce voz, e' o estilo armoniôzo!

Mas nunca pode ser estilo nobre,
Que furias mil entre os Poetas o'bre.

Louve-se muito embora, he digna disso,
E quem o affecto seu traz maniatado,
Exprima o seu Amor de qualquer sorte
Nao perdoe a diavellos a finezas,
Sempre foi livre o Amor: se nos agrada,
Pouco importa, que aos mais pareça nada!

Que muito, que o Macedo perseguio
 Desta terna paixão, Deo fizera,
 Cheia de Enigmas mil, e de imposturas?
 Com outra oposta o tarathao Monteiro,
 Lhe atalha o gosto seu: tempos cançados
 Em que atthi ha Juiz dos namorados.

A Discordia semia o seu veneno;
 Chovem de hum lado, e d'outro mil Donitos:
 Muito boa Poesia para a Natureza!
 Hi opobre Macedo descomposto:
 Basilio, e Mattos tomam seu partido;
 Não sofre cada qual o ser vencido.

Mas ja mudado de frase: hi mais pequena
 Poeta o Donito: elles pertencem
 Fazer deste tal duelo hum passage,
 Para a Natureza audas em que os costumes
 De hums, e d'outros se mostre; e accao prim^a
 Venir só de episodio á serradeira.

Bem Horacio, que voltas não levavas
 Tuas discretas Sátiras! Já todos,
 Transcrevem dellas Versos infinitos.
 As provas de que usas, as pinturas,
 Não fielmente as mesmas: seu engenho
 Não imita, produz o teu desenho.

O Macedo começa, logo o segue
 Aulho Ultramarino, que do Estruço
 Afigura nos pinta, os seus talentos.
 Vem de Horacio, e Verrão, ha pouco proprio
 Fazendo reviver os esquecidos
 Conceitos, que já noutros foram liços.

Ele crimina por seus mesmos nomes
 Alguns com quem de certo hombrar não podes
 Seus Versos são picantes; seu estilo
 He mais ácre, que a Sátira; e pertence
 A parlar com maliciosa puerícia,
 A que fez resurgir nova puerícia.

Monteiro lhe responde em Alegia
De erudicao estranha carregada.
Que semelhanca tem, este combate,
(Os de Franca, de Grecia, e Roma antigo!)
Principiara a bulha, em Lamparino,
Que vale o mesmo, que la na Caprina?

Reprehende por erros de Gramatica,
E a lingua tambem, quais nunca foram?
Ve o Verso nao permite liberdade;
Ve a Vintaxe da Lingua he sem figuras,
He justo a reprehensao; mas nao tolere,
Explicarmos pastel com tanto esmero.

Nao livra a Alegia de resposta:
Vem Entelo, e Doretas logo a praça
Virgilio os faz entrar, e de outra parte
O velho Adamastor: Camoes os guia;
Em congoantes furacas, nos adverte,
Que o gesto dyrravado inda diverte.

A bulha toda sopra-se em palavras;
 Ve as antigas perferem as modernas.
 Aparece nos três pontualmente
 O que Horacio nos diz na Arte Poética:
 Aqui nada se inventa, o já porposto,
 He mil vezes na Praça outra vez posto.

Que nobre assumpto; que fecunda idea,
 Para illustradas mentes! Ve concome
 O tempo em ninharias, que podera,
 Gastar-se com mais gloria, e mais proveito,
 Em descobrir a canoica verdade:
 Mas esta, he sempre a nossa infelicidade.

Eu Poeta nao sou; a fantezia
 A tanto me nao chega: que doutrina
 Nao pede a Poezia? o he apenas,
 Reparte entre os mortaes em longos tempos
 A heusa desta Arte. Nao me he dado
 Sem a'xas querer voar, além do fado

Não me lastima ver, que huns homens doutos,
 Que podem úteis sêr, à Patria,
 Contendão entre si com fúria insana,
 Por motivos tão vis, por bagatellas:
 Mas siga cada qual a sua teima,
 Que eu para declamar não tenho fleima.

Epigrama no seg^{to}

Quarteto.

Qual será a mais formosa,
 Ou terá maior rapina?
 A Chequine austiciosa,
 Ou a volátil Lamparina?

Parodia.

Camões. Canto 4.^o Estancia 94. e seg.^{tes}

Imitação, ou Versão, singula em particular a Léga da Póvoa, em Terceiros da Elegiada de Monteirol; e em geral a enchente de todos os seus amitos satíricos, e vaidade da sua Sciencia.

Prim^{ra} Parte.

Mas hum Velho de aspecto venerando,
 Que escutava os Terceiros entre a gente,
 Torcendo-lhe o nariz, e meneando
 Três vezes a cabeça, descontente:
 A vez perado hum pouco alevantando,
 Pôs óculos, por ver mais claramente,
 As trovas, que Monteirol tinha feito;
 E as vozes tirou do esperto peito:

2
 Oh fúria de Rimar; oh vãa Cobiza
 De ter de mão Poeta, o nome, e fama
 (A fazer isto o ódio nao me atica)
 Quem de Versos entende assim te chama;
 E fas-te nisso altíssima justiça:
 Creio foi vicio, que bebeste da Alma
 A duriza com que nos atromentas,
 Enos fêmes ouvidos exprimentas.

3.

Vegue, segue do foro a loquaz vida;
 Faze punir os crimes, e adultérios;
 Que a tua eterna Prisa he conhecida,
 Já pullos Rabolisticos Impirios:
 Vê do Pindo a ingreme subida,
 Vê te poder cubrir de vituperios,
 Em ves de fama, e gloria viberana,
 Nomus com que se o Poeta nesço engana.

Na Natureza ⁴vingarte determinas,
 Que te faz apupar de toda a gente,
 E são estes os Versos, que destinas
 Para mostrarte abio, e preeminente:
 Atães despidas tens mui graças minhas;
 Dou-te hum conelho aceita-o facilmente;
 Ou do Patrio Direito anota Historias,
 Ou pinças em Macedonicas Victorias.

5.
 Não possível, que vejas tao insano,
 E a Apollo fassas tal desobediencia,
 Sem o seu influxo soberano,
 Produzas das Pierides na auzenia
 Versos, escorias do juizo humano!
 Ou he cegueira, ou he grande innocencia,
 Não ver, que nelles de Estro te privou,
 E de val nem migalha te deu.

6.

Mas já que nessa enfática vaidade
 Tanto llevas a leve fantasia;
 Já que queres com bruta feridade,
 Em teratos sem graça, e valentia,
 Parvoises dizer em quantificação,
 De que hum Doutor correrse só devia,
 Pois teimas em compôr, e pois que já
 Da popular rizada tensão dá.

7

Não tinhas por objecto o Ismaelita,
 Com quem sempre terás guerras sobejas?
 Não te fez huma Vátira malvita
 Já que tu só com Vátiras pelijas?
 Faltão-lhe balças mil, prasça infinita
 De tu balças, e prasças mais desejas?
 Não hi elle em mãos versos esforcado,
 De queres por mãos versos ser louvado.

Deixas criar á porta o inimigo,
 Por irs buscar outro de tão longe;
 Gastas em vão teu Português antigo,
 Pedrádas pello ar deitando ao longe:
 Busca o incerto, incognito perigo
 Por que a fama te exalte, e te lisonje:
 Fazendo de mas rimas larga cópia,
 Quasi em lingua d'Arabia, e da Ethiopia.

9.

Fatigas-te em dizer, que a Rima Mundo
 (E cuídas de salvar-te neste lenho!)
 Forçou o vir na Vátora profundo
 Como he por ironia, sigo, e tenho,
 Que vem fixando ali saber profundo
 Que era em seculo seclorum teu ingenho;
 Rucho e crasso passou pella memoria
 Ao pôr o nunca, e sempre, que he da gloria

10.

Mas tu toxa brilhante, olho do Ceu,
 Ve ruz porpicio opobre ouvido humano,
 Já que nunca em teu fogo se aspendeu,
 Nem vio a tua luz se nao me engano:
 Este de obra sem vida Promotheo
 Afasta dos mortais tao grande dano;
 Pois qual preenhe Mulher lido otivera,
 Que transido de susto nao morira!

11.

Louco papalvo; Maso mixerando,
 Tens de miolo o casco bem vario;
 Pois ao publico estas escusas dando
 Que não te leva em conta, de que eu rio
 Porem tenho por odio o mais nefando
 Combater virio e um Poeta frio:
 Oh! dos pedantes pobre geracao!
 Misera sorte! Estranha condicao?

Parte Segunda.

1

Isto foi quanto disse o honrado velho
 O mais maturio agora amim me toca
 Vendo que nao obstante o meu conselho
 Sempre a melromania te provoca;
 Sei que o teu rosto nada faz vermelho;
 Nem rilha ha tal, que chegue a encher-te a bo^{ca}
 Ee em Vistos sem conto nao te alargas
 Verti humos rebeitar pillas ilhargas.

2

Agradece devoto a tua estrella
 Teres tido na Vativa lugar;
 Vê que de raiva, só, por não vir nella
 Tem cuidado Pouco rocho em estalar.
 A mais de trez ou quatro o peito anheia
 Echorao, tozsem quazi arrebeitar,
 Vò para que the quadre o nome armatico:
 E tu te quixas misero grammatico?

3

Confesso não ser facil, que hoje se ache,
 Algum Varão de estudos tão distinctos;
 Nem que saiba mais regras de Vintaxe;
 Nem que melhor tractada os Livros quintos:
 Tu sabes a Theorica, e a Praxe
 De fazer Anagramas, labirintos,
 Acrosticos, Retrogrados, e tudo
 Quanto sabe hum rapaz, q' anda no Estudo.

465
4
Nao voffre o teu juizo recto, vivo,
Que o mais leve defeito esteja occulto;
Perante ti hum vil nominativo
Queres que compareça em proprio vulto:
Sabes que ha Verbo activo, e que ha passivo;
Como sagas Grammatico conculho,
E o digeste da tua enudicacão,
Vestende às oito partes da Oraçãõ

5.
Vejá a Natureza má, ou veja boa
Ou tenha, ou não defeitos mil diversos,
Cinja-me a frente a Lírica Corôa,
Em doce recompensa dos meus Versos:
Elles fizeram (rindo bem Lisboa)
D'inverecundos Satyros perversos,
Firmassem logo da aliança o pacto
E tivesse em fim paz, o laço do Lyrio.

Pouco importas os loucos desvarios
 Com que abater meus Versos intentaste.
 Que tu mesmo lhe deste os elegios
 Nessa indigna uniao, que contrataste:
 Pois te obrigarao abatendo os brios,
 O Sollo incensar, que ja fizaste
 Nunca no ouvinte fez tal compuncao,
 Numa Obra tua, nem hu teu Vermao!

Em quanto á fundacao do Grego astuto
 Te esquece o Luso Heroe dos seus perigos,
 E ao teu nobre suor pagao tributo
 A Patria, estranha Terra, e ambos os Mares;
 Em quanto te promete o doce fruto,
 Tornada Astrea do Mondego aos lares;
 Ceres te doura a frente com espigas,
 E eu te vou dando cabo das fornigas.

8

Lá se jactava na Trinacria Terra
 Dardela, Mosso vao, membrudo, e bello,
 Em quanto ninguem quize entrar em guerra,
 Mas logo se cobrio de hum frio gelo,
 Vendo erguer-se do chao, qual grande Serra,
 O nervoso, esforcado, e branco Entelo,
 E no campo arrojou com força enorme,
 Do triplicado coiro o cesto informe.

9

Já contender o Mosso nao seija:
 Mas em fim dos Miroens, teme o susfurro:
 Alsa-o logo os cestos à puleja,
 Mais bravos do que Toiros pullo cum
 Quando Entelo, em Dardela (salvo seja)
 Lhe prega pelas ventas hum tal mumo,
 Que diz Virgilio, que cahio exangue,
 Os dentes vomitando, e o negro Vangue.

10.

Aplicai a vós mesmos esta Historia,
 Pois fostes a té qui os meus Dardetas,
 Que supposto não conte por victoria,
 Ter deitado por terra ataes Atletas;
 Foi humia accão de que não ha memoria,
 Que hi amigos fazer, dois maos Poetas:
 E o Cesto vencedor, de Entelo a exemplo,
 Penduro alegre no Arolino Templo.



Désima.

Conheceu não muito cedo,
 Monturo seu proprio engano,
 Bateu co' as portas de São
 Nos navires do Alcedo:
 Acabou-se em fim o enredo.
 Oh tu que as farras fazes,
 Noticia as novas pazes,
 Aloda a face da Terra:
 Dize que, só dura a guerra,
 Do Alcedo e os Rapazes.

José Basílio da Gama.

Pesquim ou Vatora formada em Pintu-
 ra, que se fez à cantora Italianna, An-
 na Lamparini, na Corte de Lisboa, no an-
 no de 1772, e aos seus particulares apaixo-
 nados; de q se mand'arao dois Originaes; a^{os},
 hum à Casa do Baixo-alto, outro à da Ru-
 a dos Londres; e por q, se imaginarao supri-
 midos; se fez vulgar a idia da ditto Pin-
 tura, pulla prez^{ta} explicação, q foi marca-
 da a certo Fidalgo, com a seguinte

Carta.

Como os Horadores tem supprimido,
 em sy, dois Originaes da Pintura, re-
 meticos, hum ao Theatro da Rua-dos

Condes, e outro ao do Baimo-alto, e por q
talvez Vossa Senhoria, nao terá visto
o meu bom gosto, e nao he justo, q
pulla malicia alhea, se perca a me-
moria de hum Quadro tao significan-
te: Remeto o extracto incluzo, ou Retra-
cto de morte-côr, para se divertir hu
pouco, e a beneficio da Nação, o man-
dar reduzir aos nossos caracteres, o que
eu agora nao fasso, por conta do San-
to Officio. Deus guarde a Vossa Se-
nhora muitos annos. Lisboa 25 de
Novembro de 1772. Seu Venerador,

Diogenes.

Extracto da tal Pintura Satyrica.

Camara de Lamparino, em a qual está
humma Miza quadrada, e encostada a es-
ta, ella sentada; com humma Poltrona;
vahiudo-lhe da bocca os seguintes versos,
em Francex:

Prenez belle, et charmante coquette prenez
Quis que vous etes dano un Pais de fous. ^{Tout}

Que em Portuguez dizem

Tomai bella, e galante chula, tomai tudo,

Já que vós estais em humma Terrado doidos.

Deffronte de Lamparino, está Anselmo
Josi da Cruz, tambem sentado, dando-lhe
mil picas, que ella com a mao direita,
está puchando para si (em quanto o Mon-
teiro

teiro Mr com hum joelho em terra, (he bi-
ja a mao esquerda:) com estes versos em
Ingles:

The true proprieties a fan inglichman
Titto gais and disprise semlemant. -

Que em Portuguez, dizem,

As verdadeiras propried^{es} de hum Ingles
Vao de pagar bem e desforzar.

E o Monteiro Mr, com estes versos tambem
em Ingles

Milord Dont His hirand
Bucause sthas no feeling
But His his-hir
His el se Where.

Que em Portuguez, dizem,
Milord; mais gosto
Tereis, em lugar,

Da mão lhe beijar?

Beijar-lhe o Bebelho.

Do lado direito Ignacio Pedro Quintela
sentado com a bolsa aberta, mas ainda
inresoluto, com os seguintes versos em
Francês.

Aquí jances Mon^{se} elle encor ne vous aime
Allons jrenes l'exemple, et vous levis le meme
Que em Portuguez, dizem,

Aqui cuidaes ser ella, inda nao vos ama,
Et tornai o exemplo, e vós sereis o mesmo.

Do lado esquerdo Antonio Soares de Men-
donça, metendo a bolsa na algibeira, ja
de pé, e quasi indo-se embora, com estes
versos na Lingua Italianna,

Lasciate agli altri amico la campagna
Questa sol con quattrine si guadagna.
Que em Portuguez, dizem,

195
Deixai aos outros, oh amigos esta Prisca,
Pois que só com Dinheiro ella se vence.
De traz da cadeira do Anselmo José da
Cruz, estava Theotonio Gomes; e Gally,
ambos olhando para a Miza; com es-
tes Versos em Italianno, que começao
na cabeça de Theotonio, e acabao na de
Gally

Ci la Statua, e ci il Monsieur?
Que em Portuguez, Sir,
Esta a Estatua; e este o Senhor.
E por outro modo,

Hum Pas o Alma, hum chieira Cu.
A hum canto da laza, o Doutor, Pa-
bre Manoel de Macedo, repetindo a
sua, que elle chama Ode; com estes
Versos no idiôma Portuguez,

Meu Macaco não te cancas,
Poís os gostos são diversos;
Lamparina estima o ouro,
E faz despreso dos Versos.

A João da S^a Tello, peccador por pincamen-
to, estão dois Versos no idioma Portuguez des-
ta sorte

Su julgando de Versos feito Apollo
He para vir João da S^a Tello.

Em outro canto da Lixa está hum cirur-
geio chamado o Qualia, que ajudou a ma-
tar, o que foi por alcunha Pai de Lam-
parine, escrevenço em cima de hum
Meza, as quous letras mal se entendem,
constao, a saber.

Rec. Mercur. Doc.	—	3	111.
Amb. Franc.	—	3	111.
Theat	—	3	111.

1774
E nao constava mais o ditto Original, Pin-
turatico, Critico, ou Satirico, a que me
reporto, verdadeiramente.

Fim.

Index de todas as Poemas que se contem neste volume.

Sonetos.

	Pag.
Aquella he! O coracao conhece,	9.
Nesses olhos gentis, formosa Actora,	10.
Que docura! Que bella melodia!	11.
Cantora Hamparine, Actriz mimica,	12.
Voa no sacro Monte huma brinca,	13.
Conheces hum Varao, que anda vestido	24.
Que furear sera' esta no Lorde,	30.
O nosso amigo falli he bom sujeito,	31.
Nao, tu nao necessitas de insultar-te,	32.
Dizer que he bem formosa esta Cantora,	33.
Num Templo entrava hum Campones Calvo,	46.
Oh santa Birba! Oh Bemaventurada	47.
Merece Hamparine attor louvores,	48.
Tu, que giras a roda dos Senhores,	49.
Meu amigo; isto vai de for em fora;	50.
Esta que tens Lisboa, sublimada,	51.
Lisboa, que hes das Cortes a Princesa	52.
Tus, brui; - Quem bate ahi? Abra senhora	53.
Sabes amigo meu que Dama he esta,	54.
Hamparine Cantora, que do Norte,	55.

Eisa que ves andar toda enfeitada,	56.
Médicos, Boticários, Cirurgiões,	57.
Hum Quimico infernal, drogas malditas	58.
Satyrnico infernal, horas malditas	59.
Saibao todos, que dotes relevantes	60.
Macedo, he tempo de mudar de Officio;	61.
Peralviches infames, que esquecidos	63.
Emudecei Poetas abrevidos	69.
Contra o Padre Macedo conspirados	82.
Que mal te fez a pobre Xamparine?	83.
Deixa falar o' inepto Macedo	84.
Quem he este Peralta Reverendo,	85.
Reverendo Peralta, em vao desmentes	86.
Reverendo Peralta dos Peraltas,	87.
Mex Macedo, tu pargas doutamente,	88.
Oh ves que de catanas vos porcas,	130.

Odes.

Formosa Xamparine!	2.
Asfar tem Plute em Hespanha fulminado	6.

Satyras.

Donde nasce, que todos indulgentes	102.
Floje te invoco oh Critica, que austera	109.
Que alegre era o Entrudo n' outro tempo	122.
Que haja eu sempre de curar Conguas mordacas,	150.

Silva.

Kamprarine gentil, 14.

Romance.

De eu senhora Kamprarine. 62.

Parodia

Do Cant. 4.º de Canções; Est. 9.ª e seg.ª 157.

Carta,

170.

E pintura satyrica a Kamprarine &c. 170.

Epigramas.

Qual será a mais formosa, 156.

Décimas.

Kamprarine cantas bem, 4. 21.

Quê leva? Punhos bordados, 9. 25.

Como a Lisboa achui graca, 1. 34.

Sabão todos quantos virem, 1. 35.

Por embargos de terceiro, 5. 36.

Alum Poeta desconhecido, 12. 39.

Alum Palife de mão posta. 1. 45.

No cantar ser suspencao? 2. 70.

Meu Peralta, a Kamprarine 4. 72.

Quem Alcina ter deseja, 1. 75.

Eu não disputo a bondade, 1. 76.

Contra a bella Kamprarine, 1. 77.

Todo o meu desejo amante 4. 78.

Fui por não julgar d'estorvo 1. 81.

N.º	Pag.
24.	89.
1.	169.

Oh lá Muricos Amantes,
Conheceu não muito cedo

Elegia.

Tu, meigoada tristesfima Elegia 131.



C. B.

modèle





